

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A História e a Educação em Santos na Visão do
Professor Nelson Salasar Marques:
Imagens de Um Mundo Submerso**

DANIELLE LOPES AGUIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Aparecida Franco Pereira.

Santos
2008

Pesquisa financiada por:

Governo do Estado de São Paulo / Secretaria Estadual de Educação.

COMISSÃO JULGADORA

RESUMO

AGUIAR, Danielle Lopes. *A História e a Educação em Santos na Visão do Professor Nelson Salasar Marques: Imagens de Um Mundo Submerso*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos.

O presente estudo tem por objetivo conhecer a vida e resgatar a obra do professor Nelson Salasar Marques para vislumbrar a história de Santos através de seu olhar e, sobretudo, entender a maneira como ele observa o sistema educacional em nossa cidade e, por conseguinte, no Brasil. A pesquisa é embasada na obra *Imagens de Um Mundo Submerso*, em seus quatro volumes, assim como em depoimentos de familiares e artigos de jornal. Para um melhor entendimento também se faz, através de autores como Le Goff, um estudo sobre como desenhar a história através da memória. Esta dissertação é dividida em três partes. Na primeira, elabora-se uma biografia do autor, para perceber o mundo que o cerca, como ele viveu, quais as suas raízes. Na segunda parte, faz-se um estudo histórico da cidade de Santos através da obra do escritor em questão, correlacionando com a história acadêmica contada pelos historiadores. Nosso autor prioriza alguns pontos para contar a história, tais como, o Bairro Chinês e seus portugueses, o Bairro do Macuco, os chalés, os bondes, os trens, os navios, os costumes da população do início e meados do século XX. Na terceira parte estuda-se a visão de Nelson Salasar Marques sobre a educação na cidade e no país, assim como suas críticas à educação tradicional e à defesa da Escola Nova; as sugestões para o enfrentamento dos problemas educacionais já existentes em sua vida profissional docente, dando indicações de como essa situação de crise chegou ao ponto em que chegou.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura - História da Cidade – Memória – Educação em Santos

ABSTRACT

This study aspires to know the life and ransom the Nelson Salasar Marques' texts to appreciate Santos' history through his vision and to understand how he observes the educational system of our city and, above all, of Brazil. The research is based on *Imagens de Um Mundo Submerso*, in its four volumes, such as family testimony and newspapers articles. To do, for better knowledge, through writers like Le Goff, a study about how to trace the history through the memory. This dissertation is divided on three parts. On the first, it's elaborated an author's biography, to perceive the world that is around him; how he lived, what was his origin. On the second, I do a Santos' history study through of author's texts, relation with academic history told for historiographers. Our author takes priority to some points to talk the history, like *Chinês* district and its portugueses, the *Macuco* district, the typical houses, the street cars, the trains, the ships, the population's costumes of start and middle of twenty century. On the third part, I study Marques' vision about the education in the city and in the country; such as his censorship to traditional education and defense to New School System; the suggestions to face of educational troubles that existed in his professional teacher life, giving indications of how this situation arrived in this point.

KEYS-WORD: LITERATURE – CITY'S HISTORY – MEMORY – EDUCATION IN SANTOS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO I: O HOMEM

1. O autor	17
2. O escritor.....	23
3. A obra: <i>Imagens de um Mundo Submerso</i>	29

CAPÍTULO II: O HISTORIADOR-POETA DA CIDADE

1. Memória e história.....	32
2. Desvendando o território da cidade.....	42
3. As moradias.....	55
4. Os transportes	59
4.1. Os trens.....	60
4.2. Os bondes	64
4.3. Os navios	70
5. Os Costumes	72
5.1. Religiosidade	75
5.2. Lazer	78
6. As pessoas	85
7. A linguagem de Santos	89

CAPÍTULO III: O EDUCADOR

1. A Educação no Brasil	92
2. A Educação em Santos	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
FONTES E BIBLIOGRAFIA	128

ÍNDICE DAS FOTOS E FIGURAS

1. Nelson Salasar Marques.....	15
2. Nelson com a filha Evelyn.....	27
3. Volume I de <i>Imagens de Um Mundo Submerso</i> , 1995.....	41
4. Mapa de Santos (2008).....	43
5. Igreja do Valongo.....	45
6. Rua XV de Novembro.....	48
7. Chalé em Santos.....	57
8. Estação Ferroviária São Paulo Railway.....	59
9. Nelson em ferrovia na Europa.....	63
10. Ponto de bonde. Ponta da Praia.....	66
11. Bonde articulado – 1935.....	68
12. Navio Arlanza.....	70
13. Igreja do Embaré.....	76
14. Teatro Guarany.....	80
15. Praça da Independência (1952).....	81
16. Praça Mauá (1939).....	82
17. Escola Cidade de Santos (2008).....	110
18. A Casa Amarela da Faculdade Católica de Direito.....	117

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar a obra memorialista escrita pelo professor Nelson Salasar Marques (1930 – 2005) e através dela resgatar aspectos da educação e do cotidiano da vida urbana santista. Esse projeto surgiu da vontade de fazer um estudo histórico-literário da cidade de Santos, visto que muitas pesquisas históricas já são feitas, mas a reflexão a partir de uma obra literária é mais rara de ser encontrada. Sobretudo porque há poucos escritores santistas reconhecidos em nosso país.

Foi neste momento de busca que me foi apresentada por minha primeira orientadora, Prof^a Dr^a Maria Helena B. Granjo, a obra do Prof^o Nelson Salasar Marques. Ao ler seus escritos encantei-me por sua maneira própria de escrever, não linear, não cronológica, que prende a atenção do leitor por sua subjetividade, como toda obra literária, quando bem escrita. Percebi, então, a sua importância para a cidade e, quem sabe, para o país. Luz e Silva, ficcionista e crítico literário, traduziu o que eu sentia dizendo que Salasar dá uma lição de como escrever, num estilo de reportagem literária que poucos repórteres brasileiros conseguem atingir.

O tema desta dissertação tem relevância social por tentar revelar a presença de um professor que utilizou a literatura memorialista para mostrar a vida cotidiana do passado recente santista para pessoas principalmente não ligadas à Academia, de uma maneira envolvente. Por outro lado, seus escritos sobre a educação englobam propostas e discussões sobre as funções dos professores e alunos, seus acertos e erros, a crise educacional já percebida por

ele, sem medo de falar o que pensa e também por fazer refletir sobre a proposta educacional de sua época.

Este trabalho objetiva, pois, estudar a história e a educação em Santos através das memórias do prof^o Nelson Salasar Marques, focando a formação dos habitantes, o crescimento dos bairros, as ruas, os transportes, a importância do porto e da educação, para que seja possível propagar esse conhecimento aos alunos da rede pública e particular, com a finalidade de registrar os dados da história de nossa cidade e enfatizar a pessoa deste importante, porém quase desconhecido, autor santista, através da análise de suas obras literárias.

O trabalho tem como fonte principal os livros de Salasar Marques, sobretudo os quatro volumes de *Imagens de um Mundo Submerso* e entrevistas – história oral – com o objetivo de reconstruir a trajetória deste escritor para compreender a sua obra. Foi utilizada também a bibliografia a respeito da cidade de Santos e da educação na cidade.

A obra *Imagens de um Mundo Submerso* retrata a cidade de Santos, observando o cotidiano do povo santista através do olhar do autor.

Tal leitura abre caminho para um jeito descontraído de apresentar a história de nossa cidade, tão esquecida pelas escolas nos dias atuais, pois, de forma geral, os alunos aprendem a história da sua própria cidade apenas na segunda série primária e nunca mais retomam esse assunto oficialmente na escola.

As lembranças da cidade e os desafios da educação são duas constantes em *Imagens de um Mundo Submerso*, em seus quatro volumes, o que faz querer saber mais sobre a cidade e melhor entender os caminhos educacionais.

Para compreender melhor este tipo de história é importante a obra *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho* de Maria Izilda Santos de Matos, que atrela história cultural a uma história com mulheres, onde fala da lavoura cafeeira, urbanização e industrialização em São Paulo, mostrando um tipo de história onde o fato – acontecimento histórico – não é mais o único foco central da análise, onde o estudo aproxima-se da psicologia e da antropologia, focalizando setores populares e os domicílios, assim como faz o autor aqui estudado. O seu estudo retrata a expansão urbana com o trabalho e as mulheres imigrantes e ajuda a entender a cotidianidade, também o crescimento e a imigração em Santos.

Já David Lowental, no artigo *Como Conhecemos o Passado*, fala da importância da consciência do passado na qual se funda a memória atual. A lembrança sustenta nosso sentido de identidade; o passado relembado é tanto individual quanto coletivo. Quanto à veracidade da memória, sabe-se que as lembranças se alteram, que acontecimentos recordados com paixão, são com frequência mais enfáticos do que quando originalmente experimentados.

Da mesma forma que esquecemos ou apagamos cenas que a princípio não nos impressionaram, exageramos aquelas que nos tocaram, e isso é levado em consideração neste trabalho, por isso a comprovação de certos fatos foi feita através da história “oficial” da cidade, porém, muitos outros pontos relatados por Salasar, por se tratarem de memória do cotidiano, são difíceis de serem comprovados, a não ser por pessoas que viveram naquela época e que, como ele, eram observadores do mundo à sua volta.

A recuperação da memória é raramente seqüencial; localizamos os acontecimentos recordados por associações e não por um trabalho metódico,

avanzando ou recuando no tempo. A passagem do tempo provoca mudança qualitativa da memória, bem como sua perda. Novas experiências alteram continuamente os esquemas mentais que moldam o que foi previamente lembrado. Por isso, Salazar não segue a história cronológica e sim a psicológica. As lembranças vão guiando a sua escrita.

A história difere de memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, buscando a objetividade científica, mas também no modo como é transmitido, preservado, num discurso ou relato marcado pela subjetividade, fruto de emoções e com lacunas.

Um número maior de indivíduos apreende mais o passado por intermédio de romances históricos do que por intermédio da história acadêmica, formal, científica. Exaltar os romances históricos torna o passado acessível àqueles com pouca instrução. Os romances históricos são mais atraentes, usam uma linguagem mais acessível, não trazem como marca a obrigação de aprender.

Jacques Le Goff (1924), em *História e Memória*, conceitua história e seus problemas como as relações existentes entre a história vivida pelas sociedades humanas e o esforço científico para descrever, pensar e explicar a ciência, o conhecimento histórico, a história com o tempo (cíclico do clima e das estações e o tempo vivido); a dialética da história – passado/ presente. Mostra-nos que a história começou como um relato – como faz nosso autor – e este fato jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica.

A necessidade do historiador de misturar relato e explicação mais científica, fez da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência. O crescente tecnicismo da ciência histórica tornou mais difícil para o historiador parecer também escritor. Mas sempre existirá uma “escritura da

história”. Mostra Le Goff que a história-relato tornou-se bastante popular nas sociedades ocidentais e que os profissionais científicos da memória – antropólogos, historiadores, jornalistas e sociólogos – devem lutar para a democratização da memória social, para a objetividade científica.

O conhecimento da história de Santos encontra dados fundamentais na tese de doutoramento apresentada à área de história social por Andrade (1989), *O Discurso do progresso: a Evolução Urbana de Santos*, um dos poucos estudos históricos sobre a cidade e, sobretudo, sobre as transformações por que passa a cidade a partir de 1870. A consulta a tal obra preenche lacunas e serve também como base para a comprovação de certos aspectos históricos relatados por Salazar.

A dissertação de mestrado de Frutuoso (1989), apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, foi de muita relevância para entender a influência da imigração portuguesa no Brasil, e, em especial, em Santos. Os principais fatores da vinda de portugueses para o Brasil, o porquê de seus familiares o seguirem mais tarde, o motivo de sua fixação em Santos e a ascensão desse povo em nossa cidade.

Ainda sobre os estudos historiográficos de Santos, Lanna (1996) faz um estudo da cidade entre os anos de 1870 a 1913, o que elucida e reafirma outros aspectos históricos estudados pelos autores anteriormente citados.

Silva (1995), com *a Carga e a Culpa. Os operários das docas de Santos: Direitos e Cultura de solidariedade – 1937 a 1968*, mostra uma visão política da cidade, sua perspectiva socialista e abolicionista, sem deixar a história sobre o crescimento da baixada santista e seus trabalhadores com sua luta por seus direitos.

Pereira (1996), em *Santos nos Caminhos da Educação Popular*, faz uma descrição de Santos, no período entre 1870 a 1920 para mapear as escolas existentes. Assim, identifica as correntes de pensamento que animaram as iniciativas em prol da educação popular que passa a ser meio de ascensão social; instrumento para a extirpação dos males da Nação, para compreensão dos deveres do cidadão e condição de melhoria de vida. Esse pensamento ajuda a entender o conceito de educação realizado na obra de Salasar Marques, que também entendia a educação como instrumento de ascensão social.

As entrevistas orais foram essenciais para conhecer melhor a trajetória pessoal e profissional deste homem, entender o porquê de ter se tornado um escritor, um professor e mesmo um autodidata no aprendizado de línguas estrangeiras e a visão que seus familiares, seus amigos e seus alunos tinham dele. Esse assunto será tratado no primeiro capítulo deste trabalho.

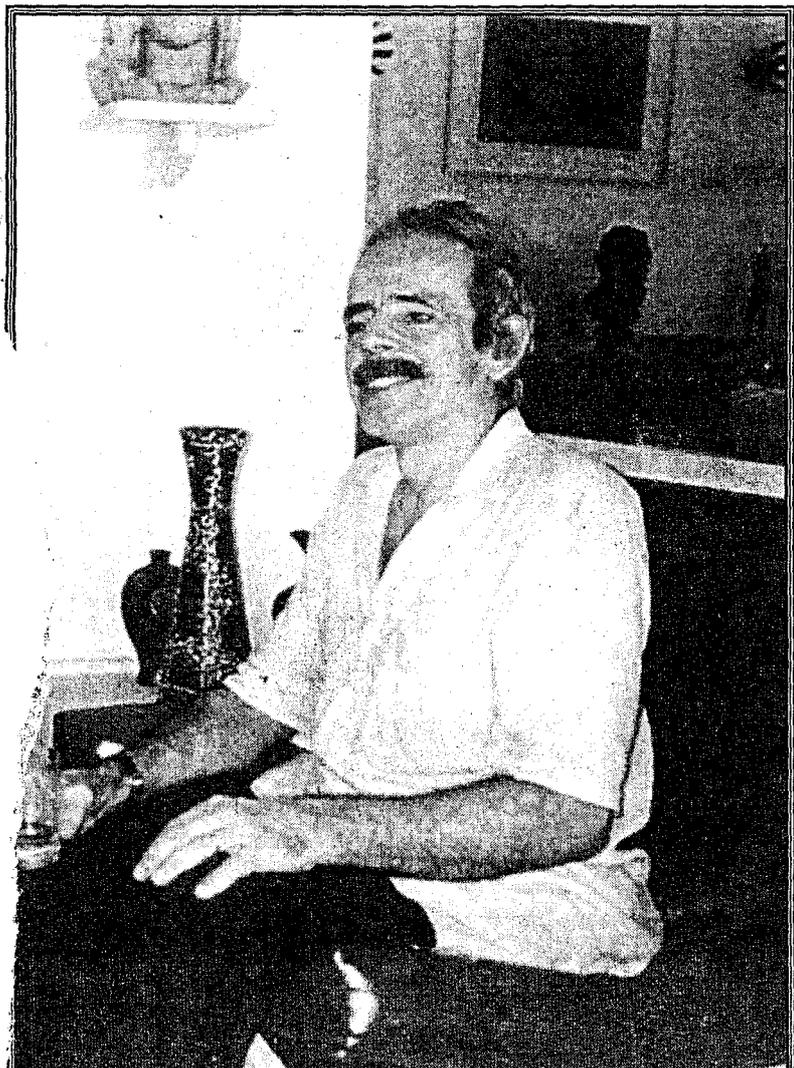
No segundo capítulo, através de estudos sobre a “nova” história: a história da memória; a história do cotidiano, estudada por vários autores como: Le Goff, já citado anteriormente, e Peter Burke, que diz que a história do cotidiano se interessa por toda a atividade humana. Procura-se entender esse tipo de relato, a história – relato, para analisar corretamente a obra de Salasar, que se faz através da memória, do cotidiano do autor e da observação das pessoas ao seu redor. Também será analisada a história da cidade de Santos na visão do autor, comprovando e complementando com outros estudos. Há aspectos interessantes sobre a cidade e seus habitantes, que pouco foram tratados por outro historiador.

Finalmente, no terceiro capítulo será mostrada a visão de educação e escola que o autor tem, através de suas obras, mostrando o conceito educacional da época em que foi professor com estudos sobre a história da educação brasileira.

CAPÍTULO I:

O HOMEM

(07/07/1930 – 02/02/2005)



1: Nelson Salazar Marques

1 - O AUTOR

Nasceu em 1930 e morreu em 2 de fevereiro de 2005, em Balneário Camburiú, Santa Catarina, mas foi enterrado em Santos. Nelson Salasar Marques, grande escritor santista: contista, romancista, dramaturgo, tradutor e crítico literário, também fez reflexões sobre a educação brasileira, sobre como poderia haver uma mudança ou melhora para este setor tão importante para a evolução da nossa nação.

Como professor engajado na luta pela melhora na educação, apostava em um número reduzido de alunos por sala de aula, na melhora dos materiais e recursos utilizados para atrair o aluno. Apostava, enfim, que a educação era um fator preponderante para a melhora de vida das pessoas, e até mesmo para o crescimento de um país. Ele próprio superara suas dificuldades pela educação escolar.

Filho de imigrantes portugueses, com uma vida humilde, deficiente físico, através da educação cresceu socialmente e culturalmente, formou-se professor, ganhou bolsas de estudo para o exterior, pôde conhecer outras culturas e educar seus filhos de uma maneira cuidadosa. Em 1965, com 35 anos, casou-se com Solange Alckmin, com quem teve quatro filhos. Esses, desde muito pequenos, já falavam inglês e estudavam em tempo integral. Todos se formaram em universidades públicas, sendo que três deles especializaram-se no exterior, onde moram e trabalham.

Palma mora no Canadá, Regina, na Suíça, Evelyn, nos Estados-Unidos e Nelson, o único filho homem, mora em São Paulo. Todos graduados e pós-graduados graças ao empenho dos pais por sua educação.

Evelyn, a filha mais velha, tirou o diploma do Michigan aos quinze anos e o Cambridge aos dezesseis. Segundo as próprias palavras de Salasar, ela era o gênio da família. Formou-se na UNICAMP em Biologia e fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Sempre foi uma líder. Mais tarde levou as irmãs para os Estados Unidos e cada uma tomou um rumo diferente em países diferentes.

A viúva, Solange, hoje em dia, mora em Santos.

Na infância, Salasar residiu no Bairro Chinês, na Rua Christiano Otoni, hoje, parte do Bairro do Valongo, do qual relembra e escreve sobre fatos e situações em suas obras. Bairro essencialmente português, apesar do nome, onde residiam trabalhadores da ferrovia. Morou ali até 1937, quando ele tinha sete anos.

De uma memória muito boa, contava com detalhes sobre sua vida desde os três anos de idade. Falava dos costumes da época, por exemplo, do leite em garrafa deixado nas soleiras das portas e que ninguém mexia, pois cada um ficava com o que era seu.

Quando Salasar e sua família foram morar no Bairro do Macuco, afeiçoou-se ao bairro e o descreve como ninguém.

Lá, o pai construiu um casarão alto, com varanda grande e, como não havia casas por perto, quase que se via a praia.

Através de seu exemplo de vida, comprovamos a importância da educação na sua existência. E pensar que seu pai tinha uma imensa preocupação com a sobrevivência de Salasar quando adulto, achando que com o problema físico (teve paralisia infantil – Poliomielite – aos três anos de idade) não teria muitas chances na vida.

Não chegou a ver a ascensão do filho.

Apaixonado pela cidade, Salasar estava sempre escrevendo sobre a população e o crescimento dos seus bairros, dando uma importante contribuição para os escritos sobre a história de Santos.

Escreveu muito sobre o Bairro Chinês, do início do século XX, hoje Bairro do Valongo, onde moravam portugueses e onde ele e sua família viveram. Ali, em cada casa moravam várias famílias que coexistiam muito bem, apesar dos problemas de acomodações. Mais tarde, com a vinda de nordestinos, esses portugueses mudaram-se dali. A maioria foi para o Bairro do Macuco. Este bairro, naquela época, englobava também o que são hoje os Bairros do Embaré e da Ponta da Praia.

Já sobre a sua fase adulta, conta da Casa Amarela, prédio da antiga Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, refere-se aos professores da época, de como as aulas continuavam fora da faculdade, inclusive enquanto esperavam o bonde para voltar para casa. Aliás, os transportes, em especial os bondes, são outra paixão desse escritor.

Sem o bonde, o crescimento da cidade não seria o mesmo, como relata em suas obras e é comprovado por importantes historiadores de Santos.

Enfim, isso também foi reconhecido pelo atual administrador da cidade, o também educador, João Paulo Tavares Papa, e, hoje (2008), a figura do bonde é o símbolo da cidade. Salasar não presenciou esse fato.

Em entrevista gentilmente cedida por seu irmão Oscar Salasar Marques, em junho de 2007, este nos conta sobre a vida do irmão com muita emoção e admiração. Diz que aos três anos de idade, quando Nelson teve poliomielite, sua perna direita ficou mais curta e mais fina, foi tratado na Santa Casa em 1933,

numa época em que não havia vacinação e poucos médicos tratavam este problema.

O pai, vigilante na área ferroviária, muito atento, sensato e centrado nas coisas, foi para a Santa Casa de São Paulo, onde já existia o pavilhão de paralisia infantil. Falou com o Dr. Renato da Costa Bonfim, fundador da AACD, na época médico estagiário, que se interessou pelo caso. Chegou a fazer seis cirurgias corretivas e nunca usou cadeira de rodas. Usou um aparelho ortopédico que era feito de ferro fundido, muito pesado. Apenas foi para a escola aos 9 anos de idade, um pouco mais tarde que os outros garotos, por causa do problema físico.

Aos 15 anos não dava mais para fazer cirurgia e andava com bengala, sozinho pela cidade. Tinha uma vida com atividades limitadas.

Aprendeu a ler em casa com os pais e os três irmãos.

O pai preocupava-se com o futuro de Salasar, pensava que seria bom que ele fosse alfaiate por trabalhar em casa e em pé. Morreu em 1956 e não viu a vida dele se desenvolver; o sucesso do filho como professor e escritor.

Salasar foi à escola aos nove anos, como já foi dito, e ingressou no Grupo Escolar Cidade de Santos, já sabendo ler, foi premiado logo a seguir, em um concurso de contos e, no ano seguinte, a premiação se repetiu. Com isso, não parou mais de escrever, escrevia sempre e sobre tudo. Para tanto, a leitura era também sua companheira constante, a partir do qual conheceu um mundo do qual as outras crianças da sua idade não compartilhavam. Fez o ginásio, hoje Ensino Fundamental II, no Colégio Canadá, mas o Grupo Escolar Cidade de Santos foi a sua paixão.

Além da aventura da imaginação, Salasar ainda aprendeu línguas como o inglês e o francês. Mais tarde foi reconhecido como excelente professor dessas

línguas. Foi um dos professores fundadores do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (CCBEU), em Santos, onde trabalhou por 40 anos. Efetivou-se no setor público, também como professor, além de ter trabalhado em outras importantes escolas particulares santistas.

Foi professor de francês da Petrobrás, além de bolsista na Alliance Française, de Paris, com aulas de lingüísticas na Sorbonne. Foi graduado por universidades européias: a Cambridge University e a Université de Nancy. Aprendeu francês fluentemente. Lia Voltaire no original.

Fez dois anos de Direito na Universidade Católica de Santos, UNISANTOS, mas, por achar que essa profissão dependeria muito de sua locomoção, resolveu parar e o fato de falar francês e inglês o fez ir para o curso de Letras.

Quando foi para o curso de inglês só cursou um ano, pois já tinha aprendido a língua sozinho. Aprendeu muito falando com marinheiros que circulavam pela cidade no Largo Monte Alegre, defronte da igreja do Valongo e no requintado *Cabaret* Chave de Ouro, onde buscava diálogo com marinheiros e comandantes de navios ingleses e americanos. Ali punha seu inglês em dia, se equipava das gírias novas e expressões que corriam o mundo. “É assim que se aprende uma língua estrangeira: indo à cova do dragão, cutucando-o com varinha curta. Isto é coisa que as escolas de línguas de nossos dias parecem ter esquecido.” (MARQUES, 2001, p.45).

Efetivou-se como professor de inglês em concurso público pelo Estado de São Paulo.

Começou a dar aulas na rede pública estadual na Zona Noroeste, mais tarde foi para a E.E. Olga Cury, onde hoje a biblioteca recebe o seu nome.

Os alunos levavam-no até o ponto e só iam embora quando ele pegava o ônibus. Dava aulas em pé o tempo todo, apenas nos últimos tempos, quando já estava cansado, devido à sua deficiência e a um problema no coração, é que foi trabalhar por um tempo na biblioteca da escola.

Foi um dos fundadores da Editora do Escritor, cujo dono é o escritor e crítico Benedicto Luz e Silva.

Nos últimos tempos, Salasar visitava os Estados Unidos de dois em dois anos, em virtude de sua filha Evelyn morar lá.

Em suas viagens não fazia turismo convencional, gostava de conhecer a cultura do povo, através de conversas com os populares.

Como lazer, apreciava música e cantar em inglês e francês. Gostava de intérpretes brasileiros como Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, entre outros. Gostava também de sair com velhos amigos, sentar em volta de uma mesa e relembrar as coisas boas da vida.

Foi diretor da Revista da Academia Santista de Letras, onde também publicou alguns de seus textos. Escreveu durante 50 anos para o jornal A Tribuna, primeiro esporadicamente, depois quinzenalmente, quando o diretor do jornal era Carlos Klein.

A facilidade em escrever veio do tempo em que ficava sozinho na infância, enquanto os outros garotos brincavam.

2 – O ESCRITOR

Benedicto Luz e Silva, editor, escritor e crítico literário, em 2005, escreveu na “orelha” de um dos livros de Salasar¹, referindo-se a ele como um homem de espírito forte, que seguiu bem a norma do dia de Karl Jasper, que ordenava: “realizar no mundo, edificar no tempo”, para que se possa “aperfeiçoar a realidade humana numa via infinita”, que soube tanto na juventude quanto na maturidade, lançar-se de assalto ao tempo cotidiano com a inquietude cósmica de quem conhece os caminhos da auto-realização.

Conheceu-o em 1960, quando Salasar já era professor, jornalista e escritor, distinguindo-se como poucos no exercício destas três atividades, sustentando-se e impondo-se através de sua competência e de seu talento.

Nelson Salasar Marques soube se fazer como personalidade marcante, por isso, há de permanecer longa e enraizadamente na memória daqueles que o admiraram e amaram por ter sido o ser humano raro que foi, conclui.

Algumas passagens de sua obra mostram a maneira como via o ser humano do seu tempo, ele tinha uma visão filosófica das ações humanas, daí a graça e singularidade de seus escritos:

Verdade que se revela, é graça que se desgraça. O universo é místico, a passagem do homem pela terra é mística... o mundo se americanizou terrivelmente e tornou-se insípido e sem graça. Ó, como o mundo esqueceu certas verdades fundamentais: a verdade dita pela metade ou apenas sugerida gera a busca e busca é excitante e mantém o espírito aceso. As respostas só têm valor quando o indivíduo as encontra por si próprio. (MARQUES, 1995, p.78).

¹ MARQUES, Nelson Salasar. *Minha conversa com Somerset Maugham*. São Paulo: Editora do Escritor, 2005.

No lançamento da Revista da Academia Santista de Letras n° 4, em 06 de abril de 2006, na Casa de Martins Fontes, a Diretoria achou por bem prestar-lhe uma homenagem, já que a publicação estava em andamento quando ele faleceu. O acadêmico Amílcar Ferrão Pinto, então, fez o discurso sobre Salasar fazendo alusão ao diretor e organizador da revista, como um homem cuidadoso e competente. Lembra que conversavam durante horas sobre todos os assuntos, ouvindo música popular brasileira antiga.

Para Amílcar Ferrão Pinto, Salasar tinha uma capacidade incomum de interpretar os fatos, identificando prontamente neles os aspectos mais importantes, os traços fundamentais. Em suas teses, fixava-se sempre no essencial, nos pontos principais dos fenômenos, fossem eles culturais, literários, políticos, sociais, econômicos, históricos, lingüísticos, educacionais. Sua inteligência dominou um amplíssimo espectro do conhecimento. A consciência e a sensibilidade se irradiavam em múltiplas direções e desocultavam as formas com sua luz, revelando a verdadeira natureza das coisas.

Ao se referir à obra ficcional de Salasar, diz que as situações, os enredos, os ambientes, os personagens, o desenvolvimento dos temas, tudo se verificava num plano de prazer estético que o seu estilo peculiar compunha, com o termo preciso, o colorido das imagens, as símiles pertinentes, a inventiva enriquecedora, as reflexões pessoais, o texto equilibrado por pensamentos e emoções, apresentando sua interpretação crítica da realidade.

Um exemplo disso é o pensamento que Salasar tem sobre os transportes atuais, sem medo de parecer saudosista ou antiquado, sem medo de ser criticado, ele faz uma reflexão filosófica sobre o significado do carro para o homem de hoje em dia:

É interessante constatar-se como as teorias de Nietzsche sobre o esmagamento dos fracos pelos fortes voltou a se atualizar com a introdução do carro no dia-a-dia das pessoas, e na minha visão de escritor, eu concebo poucas coisas mais deprimentes do que a de um homem sentado à direção de um carro, o olho duro na estrada, todo seu élan vital posto num ponto determinado. Um homem abraçado àquela roda maldita diante de si, uma roda que lhe suga toda a seiva e o põe em solidão: o carro é a morte do homem moderno... é o seu esquife com rodas que ele próprio conduz ao seu destino com o espírito ensandecido e as artérias entupidas pela falta de movimentos. O carro fez com que o homem se privasse da postura mais bela e digna do ser humano: o caminhar ereto, sobre duas pernas... talvez a única e singular característica que o separa dos demais seres do mundo animal! Nunca tive carro... sempre me recusei a tê-lo. Deixo esses problemas para os meus amigos, Mas é evidente que estas minhas considerações amadurecidas e sazoadas pelo tempo não têm por intenção criar problemas para as montadoras de automóveis. É como observador interessado no fluxo da vida e conhecendo o homem como conheço ou julgo conhecer, sei que esta visão que abro diante dele pouco efeito terá além do espanto inicial de uma situação inesperada: ele continuará a se encher de comida e a correr para o seu carro... o carro será sempre a sua vida... ele preencherá os seus vazios... reduzirá os seus complexos; e no carro do ano ele terá a realização maior que o ajudará a esquecer as suas frustrações no campo pessoal [...] o carro continua a ser o melhor psicanalista do homem e, em países do Terceiro Mundo onde o dinheiro é escasso, ele é o melhor substituto para o sofá do analista. (MARQUES, 1995, p. 63).

Amílcar Ferrão Pinto define Salazar como aquele que ousou ser ele mesmo, uma rara personalidade que, com a força imensurável de seu espírito, conquistou seu próprio destino. Realça que foi exclusivamente com os frutos de sua atividade de professor dedicado e intelectual íntegro que se manteve, proveu as necessidades do lar e constituiu família digníssima. Ressalta também que, junto de seus méritos, de seu saber, de sua cultura, pairava sua marcante simplicidade, sua acentuada modéstia; passava despretenso, timbrando em ser um homem comum. Considera-o como aquele que produziu a mais bela criação literária sobre a história santista do século XX, *Imagens de um Mundo Submerso*, que conta a evolução de Santos nas últimas seis décadas. A partir de

fatos históricos marcantes, o livro analisa as tendências ética, moral, social, política, lingüística e comportamental da cidade.

No trecho abaixo, percebe-se esta análise e o gosto por observar a tudo e a todos.

Toda a última sexta-feira do mês me pego caminhando pelo centro da velha Santos à procura de alguma coisa. É como dizia este genial T.S. Elliot, "...indo ao mesmo lugar e vendo o lugar sempre pela primeira vez". Essa parece ser a grande sabedoria. É como se alguma coisa que venho procurando, estivesse ali enterrada, naquelas ruas e becos que parecem contemplar os passantes com madura e compreensiva sabedoria. Porque os prédios falam uma língua de pedra que a poucos é dado compreender. É uma longa aprendizagem que certamente inclui estas caminhadas meditativas e eu sempre achei bastante perturbador ver como as pessoas ignoram a paisagem que as cerca. Isto as descarna medonhamente. Parecem atores medíocres cujos papéis não foram devidamente memorizados e então se perdem no palco. Porque afinal de contas a vida é um grande teatro e cada um tem de saber o seu papel. O mesmo trajeto, feito mil vezes, tem para mim a mesma magia e numa janela de ônibus, de trem ou de avião, os olhos nunca dormem. (MARQUES, 1995, p. 69).

O santista Nelson Salasar Marques começou a escrever efetivamente na França, onde fez graduação. Tem obras publicadas em mais de 40 antologias, inclusive em francês e inglês. Estreou em versos na obra *As Brazilianas*, que em tom sarcástico e bem-humorado conta a História do Brasil, de forma épica. O poema tem "a estética de Camões, mas com o espírito satírico de Voltaire", definiu em entrevista o autor, que buscava uma editora para lançar o livro.

O então vereador e presidente da Câmara Municipal de Santos, Paulo Gomes Barbosa, quando se deu o falecimento de Salasar, indicou-o, na forma regimental², após ouvir o Plenário, ao senhor prefeito Municipal João Paulo

² Indicação nº 0062/2005, em 07/03/2005.

Tavares Papa, para que denominasse o nome de alguma rua ou logradouro público com o nome de Nelson Salazar Marques, professor, escritor, autor de diversos livros e membro da Academia Santista de Letras. Complementa que este foi um dos pioneiros na discussão sobre inserção das línguas estrangeiras em nosso dicionário, dizendo que a “renovação e incorporação de palavras num idioma é um processo natural e enriquecedor, desde que haja uma adaptação para a língua mãe”.

A presidente da Academia Santista de Letras acrescenta com admiração o que o autor representa para a cidade.

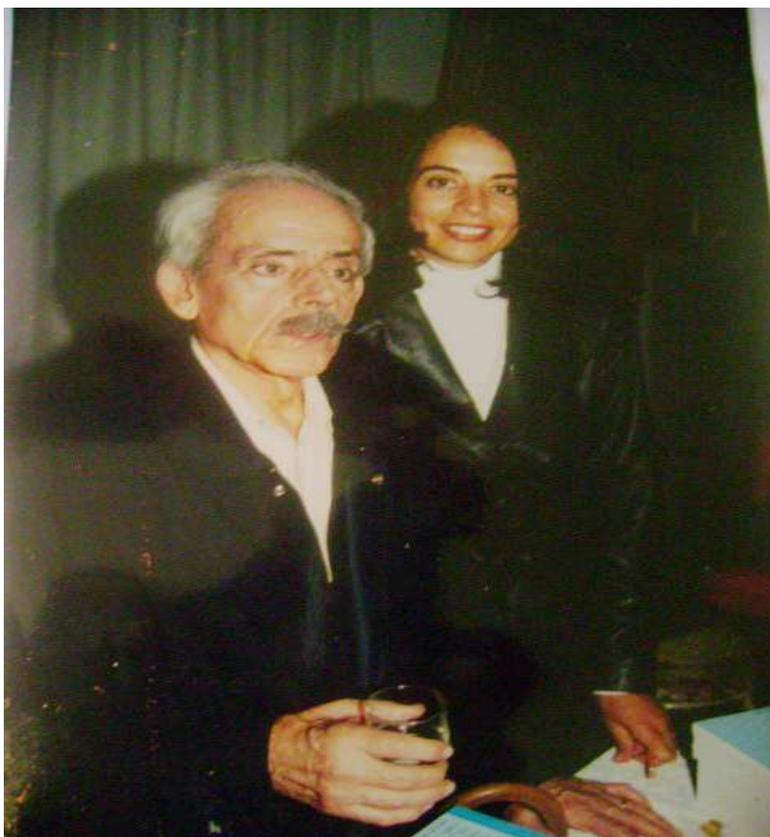
Aplaudimos a sua luta em viver com garra, em fazer da literatura uma fonte para alcançar o outro, inundando-o de pensamentos profundos. Externou seus desejos de justiça e igualdade para todos. Combateu por esse ideal com a tinta e o papel. Apoiou-se no linguajar esmerado e caprichoso, esclarecendo com sua brilhante inteligência os objetivos a si mesmo impostos. (MARIA DE SÁ E SILVA, maio, 2006).

Teve cinco trabalhos sobre ensino publicados nos Estados Unidos. Seus livros de ficção, *O Grande Dobson*, *Os Mortos Não São Bem-Vindos* e *Os Jigaboos*, receberam três prêmios Fernando Chinaglia e o Prêmio Nacional do Romance do Clube do Livro. Além da série *Imagens de um Mundo Submerso* que escreveu, deixou prontos, para publicação, os seguintes livros: *As Brasileiras*, *Minha Conversa com Somerset Maugham*, *Imagens de um Mundo Submerso, volume IV*.

Em homenagem póstuma, Maria Zilda da Cruz, membro da Academia Santista de Letras (2005, p.253, 254), refere-se a ele como um homem que teve valores dignos, deixando palavras escritas, idéias defendidas e amizades criadas

e enraizadas. Diz também que ele escreveu vários livros com elegância de estilo, procurando na fantasia da criação passar a realidade da vida, em sua beleza ou em momentos de dúvidas menos alegres.

Foi admirado pelo modo de pensar, por sua luta em viver com garra, em fazer da literatura uma fonte para alcançar o outro, inundando-o de pensamentos futuros. Completa falando de Salazar como um homem que externou seus desejos de justiça e igualdade para todos. Combateu por esse ideal com a tinta e o papel. Apoiou-se no linguajar esmerado e caprichoso, esclarecendo com sua brilhante inteligência os objetivos por ele mesmo impostos.



2: Nelson com a filha Evelyn

3. A OBRA: *IMAGENS DE UM MUNDO SUBMERSO*

Imagens de Um Mundo Submerso, a obra máxima de Nelson Salasar Marques, tem um título bastante poético, à maneira deste autor. Tal título remete à memória de Salasar, pois são as imagens de Santos que lhe vêm à mente, imagens tão remotas e tão distantes que foram “desenterradas”, ou tiradas do fundo do mar, por Santos ser uma cidade litorânea, e trazidas à tona por este homem.

A obra de Salasar, segundo Benedicto Luz e Silva, pode ser sintetizada como um fértil diálogo com a paisagem submersa nas cinzas das décadas já passadas e a sua missão seria revolver estas cinzas e tentar extrair delas a sua essência mais significativa. Para ele, Salasar fundamenta a sua obra em três palnos: presente, passado e futuro, interligando-os pela costura forte de sua narrativa, uma narrativa que parece fluir semelhante às águas célebres das corredeiras. Esta obra tem dimensões próprias, com realidade e imaginação se mesclando para recriar um mundo específico através de uma prosa solta e natural. O ato de narrar é um dos pontos fortes de Salasar, na opinião deste editor.

Esta obra é dividida em quatro volumes. Iniciou-se em forma de crônicas no jornal “A Tribuna” pela necessidade de nosso autor de externar as lembranças de sua vida na cidade de Santos.

E, ao contar essas lembranças, acaba por contar a história da sociedade santista, com detalhes da vida cotidiana que não encontramos nos livros de história.

Salasar deixou pronto, como já fora dito, antes de seu falecimento, o quarto volume para ser publicado, o que ainda não aconteceu, e já se preparava para o quinto volume da série, com anotações e recortes de jornais sobre assuntos que ele gostaria de trazer à lembrança do povo, enfim, como ele próprio escrevera, talvez já antevendo seu futuro, não sabia se teria tempo de vida para escrevê-lo... E assim foi.

Em todos os volumes desta obra, Salasar não segue uma ordem cronológica dos fatos. Escreve conforme o desencadeamento de suas lembranças. Um acontecimento puxando o outro.

O primeiro volume, publicado em 1995, começa referindo-se ao Bairro Chinês, mas esse assunto volta em todos os outros volumes, sempre que Salasar se lembra de um detalhe novo, assim como os outros tópicos importantes na sua trajetória de vida: o Bairro do Macuco, o povo português, os costumes em Santos, a religiosidade, a educação escolar, os bondes, enfim, a cidade como um todo.

O segundo volume, publicado em 2000, além dos itens que sempre retornam, dá ênfase ao aspecto educacional, falando do gibi que influenciou bastante na alfabetização de muitas crianças de sua época. Conta-nos também sobre a presença dos japoneses em Santos, o esplendor e a decadência do Teatro Guarany e o trabalho dos estivadores. Temas bastante diversos, mas que se ligam com a passagem de nosso autor.

Publicado em 2001, o terceiro volume não foge à regra e acrescenta outros assuntos como o cais, as noites santistas, histórias de marinheiros, os bondes e as ruas.

No quarto volume, ele coloca as questões educacionais na cidade e as escolas que o marcaram como o Grupo Cidade de Santos e o Colégio Canadá, fala da problemática educacional de nossos dias, sempre voltando aos temas anteriormente citados.³

³ Este volume foi gentilmente cedido a mim para a leitura por dona Solange, viúva de Salasar.

Benedicto Luz e Silva, no prefácio do segundo volume de *Imagens de Um Mundo Submerso*, comenta que Salazar planejou esta obra para quatro volumes, o que para o editor e amigo era um projeto grandioso nesse gênero literário.

Comenta Benedicto que o primeiro volume provocou nele o sortilégio de reviver a sua juventude em Santos, na década de 1960, porque soube o memorialista levantar os fatos do passado para resgatar uma herança coletiva, dando um sentido e uma finalidade ao que, de outra maneira, estaria condenado ao esquecimento.

O autor, a cada passo, procura interpretar a sua cidade natal a partir de signos pessoais, transformando-a numa paisagem ideal que a memória reconstrói e recria a seu bel-prazer. [...] Percebe-se no escritor que a sua intenção é realizar um painel caleidoscópico da evolução da cidade de Santos em seus aspectos, social, econômico, cultural, lingüístico, político, daí as constantes referências a comidas, festas, cerimônias, enterros, hábitos, tendências lingüísticas e expressões idiomáticas de épocas passadas, assim como o comportamento sexual, a religião e as comilanças dos portugueses, por exemplo. (SILVA, APUD MARQUES, 2000, p.11).

Para Salazar, Santos é um microcosmo que reflete os problemas do mundo, ou seja, estas memórias têm as suas raízes no solo santista e, mesmo quando fala de outros locais, há sempre o eco de sua experiência pessoal, porque, para ele, o indivíduo só adquire consistência quando se desenvolve dentro de uma experiência coletiva.

CAPÍTULO II:

O HISTORIADOR-POETA DA CIDADE

1 – MEMÓRIA E HISTÓRIA

Nosso autor estudado é um historiador que narra os fatos de uma maneira que atrai seus leitores, pois entrelaça a subjetividade da memória do destino pessoal com a lembrança de cenários vividos entre a natureza e a cultura.

Ao escrever estas memórias da cidade de Santos, eu venho desenterrando lembranças mortas e também – como na passagem dos vaga-lumes – eu acredito que elas possam ganhar um sentido novo, um sentido que tenha passado despercebido ao tempo em que iam acontecendo. Esse distanciamento do já acontecido traz a quem viveu um certo toque de melancolia que vem da constatação de que a pessoa passou por certas etapas de sua vida sem lhes dar o valor que elas tinham, e quando esse valor perdido lhe chega pela reconstituição daquele mundo submerso, é muito difícil não se instalar em nós uma certa tristeza. Porque o que se foi não volta mais com a mesma plenitude. Mas resta a esperança de que, ao juntarmos os cacos que deixamos para trás, algum sentido novo possa emergir no grande painel que cada um traçou de sua vida. [...] Eu não sou um historiador que trabalha em cima de datas e documentos e nem repito o que outros disseram. Os fatos em si não me interessam. É a precisão das datas muito menos. O que me interessa é o efeito que esses fatos causaram em mim, logo, eu só escrevo sobre experiências pelas quais passei. (MARQUES, 2001, p.15).

Em Aristóteles⁴, a imaginação é concebida como um movimento criado pela sensação em ato. Assim o pensamento, na escrita de Salasar, é acompanhado da imagem, pois sendo imaterial e pertencente ao domínio da alma, é a imagem que retém a sensação e dá ao pensar a sua materialidade, o seu objeto.

⁴ ARISTÓTELES. *Sobre a memória e a reminiscência*. Tradução por René Magner. Paris: Belles Lettres, 1965.

Temos hoje no âmbito da historiografia o pensamento de que os homens falam sobre o passado pensando no presente, e de que a memória social não é mais do que a imaginação coletiva.

Cada falante que recorda um momento vivido da memória de sua cultura produz uma interpretação pessoal. Uma mesma pessoa que lembra, o próprio ato da lembrança tem a sua história e inscreve-se no contexto de quem lembra e vive, como uma biografia. Podemos acrescentar ainda que, tornada uma experiência subjetiva e individualizada, a lembrança dos fatos sociais inscrita como uma biografia é sempre fortemente carregada de sensibilidades, imbuída de afetos vividos quando reditos.

Dessa forma é escrita a obra *Imagens de um Mundo Submerso*, estudada nesta pesquisa. A história é contada de maneira subjetiva e carrega a sensibilidade e a análise social que faz o escritor. A subjetividade aqui é entendida não como subjetivismo, mas sim que as questões historiográficas são vistas pela ótica do escritor, pelo que ele considera significativo. O autor ao fazer o seu texto tem presente a sociedade em que viveu.

Portanto, para o conhecimento da veracidade do autor, a crítica historiográfica orienta para o uso das obras de história e literatura, pois há uma relação entre essas duas vertentes, misturando o historiador e o poeta. Este documento literário mostra a visão que o autor tem da sociedade e das relações nela engendradas, na medida em que filtra o que deseja da realidade e a interpreta com as riquezas dos recursos literários. Mesmo assim, esta obra literária serve como documento para a recuperação do passado histórico.

Peter Burke, em *A Escrita da História*, refere-se a desse tipo de história como “nova história”, escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional, onde a história é essencialmente ligada à política.

A nova história interessa-se por toda a atividade humana. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. Diz que o relativismo cultural implícito na nova história merece ser enfatizado. A base filosófica desta é a idéia de que a realidade é social e culturalmente constituída.

A história tradicional, a da Escola Metódica, para Burke, oferece uma visão de cima. Ao resto da humanidade foi destinado a um papel secundário no drama da história. Hoje, vários historiadores estão preocupados com a “história vista de baixo”, em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. A história da cultura popular tem recebido bastante atenção neste tipo de história, exatamente como faz Nelson Salasar Marques.

Todavia, sabe-se que o novo paradigma também tem seus problemas: problemas de definição, problemas de fontes, problemas de método, problemas de explicação. Mas o novo é a importância dada à vida cotidiana nos escritos históricos contemporâneos. A história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado.

O cotidiano está também nas encruzilhadas de abordagens recentes na sociologia (de Michel de Certeau a Erving Goffman) e na filosofia (seja ela marxista ou fenomenológica).⁵

⁵ M. de Certeau, *L'invention du quotidien*, Paris, 1980; E. Goffman, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Nova York, 1959.

O que essas abordagens têm em comum é sua preocupação com o mundo da experiência ordinária como seu ponto de partida, juntamente com a tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática, no sentido de mostrar que o comportamento ou os valores, que variam de uma sociedade para outra.

No fundo somos todos náufragos da vida e numa ilha deserta e longínqua esperamos por um barco que nunca virá. Mas só poucos sabem que ele nunca virá. E esses poucos arremessam ao mar garrafas com mensagens, na esperança de que um dia cheguem ao seu destino. Este livro é uma dessas garrafas. Eu a estou arremessando ao oceano dos tempos que não de vir. É o meu presente à cidade que me viu nascer em sua trajetória de Quatrocentos e Cinquenta Anos de existência Heróica e Indomável. Ó, velha Santos, como eu te amei. (MARQUES, 1995, p.12).

Jacques Le Goff, em *História e Memória*, conceituando a ciência histórica, vem ao encontro com o que se quer neste estudo, pois diz que a história começou como um relato, a narração daquele que pôde dizer “Eu vi, senti”. Este aspecto da história-relato, da história testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento desta ciência.

Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração; mas, também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho por intermédio do retorno do evento, ligado à nova mídia, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da “história imediata”.

Salazar não foi um jornalista propriamente dito, mas fez essa “história-testemunho” que diz Le Goff, através do relato de suas memórias; não esquecendo que, antes de se transformar em livro, seus escritos de *Imagens de Um Mundo Submerso* começaram em forma de artigos no jornal “A Tribuna”.

Lembrando Certeau⁶, “a história também é uma prática social, sendo legítimo observar que a leitura da história do mundo se articula sobre uma vontade de transformá-lo. Junto à história política, à história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das representações, que assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das ideologias; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou histórias das mentalidades; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário, que permite tratar os documentos literários e artísticos como plenamente históricos, sob condição de ser respeitada sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remetem a uma realidade oculta, subjacente, ou história do simbólico, que talvez um dia conduza a uma história psicanalítica, cujas provas de estatuto científico não estão ainda reunidas. Enfim, a própria ciência histórica é colocada numa perspectiva histórica com o desenvolvimento da historiografia ou história da história.

Privilegiar a “nova história” não é lhe conferir um papel exclusivo de motor da história, deve-se confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos e isto é a nossa pretensão neste trabalho. A busca da objetividade leva, portanto, a um confronto com fontes do campo historiográfico.

⁶ CERTEAU, M. de. *L'opération historique*, in J.Le Goff e P. Nora (orgs.), *Faire de l'histoire*, Paris: Gallimard, 1974 (trad. Port. Amadora: Bertrand, 1977, pp.17-58).

Este trabalho arredonda o primeiro volume destas minhas rememorações sobre certas fases de Santos, e por terem sido projeções da memória que me chegaram das décadas de 30 e de 40, em sua maioria, é muito provável que muitas delas viessem distorcidas. Mas o que me levou a esse empreendimento foram mais razões de ordem pessoal. Eram lembranças opressivas e elas me vinham com frequência inquietadora. Quando por acaso me encontrava dentro de um ônibus ou de um carro e ia descendo a faixa do cais rente aos navios atracados, por um miraculoso processo de transubstanciação eu me via repentinamente dentro do bonde 19 e os navios atracados passavam a se chamar Cap Nord, Arlanza, Astúrias, Alcântara e Cap Arcona. Estas lembranças espantaram muita gente e algumas pessoas me paravam na rua e me perguntavam como eu podia reconstituir detalhes tão distantes no tempo. Não tenho resposta para essa pergunta. Tudo emergia de épocas imemoriais como um rolo de filme que desembestasse nas mãos de operador distraído. Mas eu atribuo isso a uma característica congênita: o espetáculo da vida sempre me fascinou e eu prendia a mim com força inaudita o momento fugaz [...], era como se eu aprisionasse em películas sensíveis tudo o que via ao meu redor. (MARQUES, 1995, p. 116).

Segundo Le Goff (2003), hoje, o paradoxo da ciência histórica é que, justamente quando, sob suas diversas formas (incluindo o romance histórico), ela conhece uma popularidade sem par nas sociedades ocidentais, e logo quando as nações do Terceiro Mundo se preocupam com dotar-se de uma história – a história se torna um elemento essencial da necessidade de identidade individual e coletiva.

Para Le Goff, ao se referir à memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria. Este pensamento aborda exatamente o que se quer estudar sobre a história de Santos na obra *Imagens de Um Mundo Submerso*.

Um certo dia, quando eu tinha dois anos de idade, no Bairro Chinês, meu avô me chamou e me deu uma rodelinha de ovo cozido. Eu triturei aquela massa perfurada com os poucos dentes que então deveria ter e nunca mais me esqueci da figura do meu avô. Achei conveniente relatar o episódio acima para justificar a extrema clareza com que me chegam, do fundo daquele dia de 1937, as imagens da primeira visita de Getúlio Vargas a Santos, já na qualidade de ditador. Isto ajuda a explicar o extraordinário mecanismo da memória e porque muita coisa fica e muita coisa não fica é um mistério perturbador nesse mecanismo de retenção e descarte de imagens; mas parece evidente que a memória está associada a sensações gustativas e visuais. (MARQUES, 1995, p. 47).

Ao fazer um estudo histórico da memória, Le Goff diz que a Idade Média criou a palavra central *mémoire*, surgida desde os primeiros monumentos da língua, no século XI. No século XIII, é acrescentada *mémorial* (que diz respeito a contas financeiras), e em 1320, *mémoire*, no masculino, designando um dossiê administrativo. A memória torna-se burocrática, a serviço do centralismo monárquico que então surge. O século XV vê o aparecimento de *mémorable* nesta época de apogeu das artes *memoriae* e de renovação da literatura antiga – memória tradicionalista. No século XVIII cria-se, em 1726, o termo *mémorialiste* e, em 1777, *memorandum*, derivado do latim através do inglês. Memória jornalística e diplomática: é a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria memória. Na primeira metade do século XIX, presencia-se um conjunto massivo de criações verbais: *amnésie*, introduzido em 1803 pela ciência médica, *mnémonique* (1800), *mnémotechnie* (1823), *mnémotechnique* (1836) e *mémorisation*, criados em 1847 pelos pedagogos suíços, conjunto de termos que testemunha os progressos do ensino e da pedagogia; finalmente, *aide-mémoire* que, em 1853, mostra que a vida

cotidiana foi penetrada pela necessidade de memória. Finalmente, em 1907, *mémoriser* parece resumir a influência adquirida pela memória em expansão.

A sociologia representou um estímulo para explorar este novo conceito, assim como para o conceito do tempo. A psicologia social, na medida em que esta memória está ligada aos comportamentos, às mentalidades, novo objeto da nova história, traz a sua colaboração. A antropologia, na medida em que o termo “memória” lhe oferece um conceito mais bem adaptado às realidades das sociedades “selvagens” que esta estuda do que o termo “história”, acolheu a noção e explora-a com a história, nomeadamente no seio dessa etno-história, ou antropologia histórica, que constitui um dos desenvolvimentos recentes mais interessantes da ciência histórica.

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade – individual ou coletiva – cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. Cabe, portanto, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica.

O trabalho com memórias exige ver o fato sob a ótica dos indivíduos e, ao mesmo tempo, encontra neles o entrelaçamento de acontecimentos e influências que marcaram a sua época. É buscar e interpretar padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos, valores, crenças e

motivações. Buscar essa memória é realizar o encontro entre as gerações precedentes e a nossa e, a partir daí, tentar entender como os homens e/ou os grupos se constituíram naquilo que eles são agora.

Os trechos colocados abaixo mostram a importância da história através da memória para Salazar e a reviravolta que isso provocou na cabeça de seus leitores. É a história da cidade e as lembranças passadas interagindo com as emoções dos seres humanos que passaram pela vida sem percebê-la e também interagindo com aqueles que não presenciaram esta história mas, ao lê-la, conseguem transportar-se para a época recordada, e deliciam-se por poder viver o passado de uma cidade que tanto amamos.

Aquilo que ninguém mais parava para lembrar, por causa da correria da vida moderna, sempre em busca de um futuro que nunca chega, é trazido de volta. É como se retornassem à infância: uma viagem ao tempo através da leitura. Percebendo-se assim a importância das coisas simples do dia-a-dia que não paramos para aproveitar.

Um dia, inadvertidamente, mexi nesse vespeiro e escrevi as minhas memórias sobre aquele pequeno universo fascinante que foi o Bairro Chinês e então algo aconteceu que me perturbou: as pessoas foram tomadas de comoção súbita e todo aquele mundo de fascínio e de beleza que ficara entranhado em suas almas implodira. Apenas referência leve àquele universo distante removia a crosta cruel de insensatez e de maldade com que a vida vai nos envolvendo e então eles pareceram despertar do grande pesadelo. E ainda meio sonolentos e tontos pela caminhada dentro da longa noite que havia sido as suas vidas, eles se davam conta de que a criança que havia dentro de cada um deles ainda estava viva. O Bairro Chinês lhes havia chegado pelo enfoque infantil. Era um quadro pintado com as cores da inocência por um pintor em estado de pureza primitiva. (MARQUES, 1995, p. 111).

Mori (1998) diz que através da história de vida e lembranças tenta-se saber um pouco mais sobre comportamento, valores, crenças, expressões e práticas cotidianas que fazem parte de um processo de construção de identidade, tanto no sentido individual como no coletivo. Ela afirma que tanto o conceito de identidade quanto o de memória são ambíguos e perturbadores. Define identidade como processo de identificação e o movimento é gerado dentro do contexto histórico-social onde se desenvolvem as relações entre os indivíduos e a memória como sendo composta por representações construídas nas relações do indivíduo com a natureza e o social. As lembranças são traduções, sob a forma de linguagem, dessas representações. Cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, variando de acordo com o lugar social que é ocupado, esse lugar, por sua vez, transforma-se em função das relações estabelecidas com outros meios sociais.

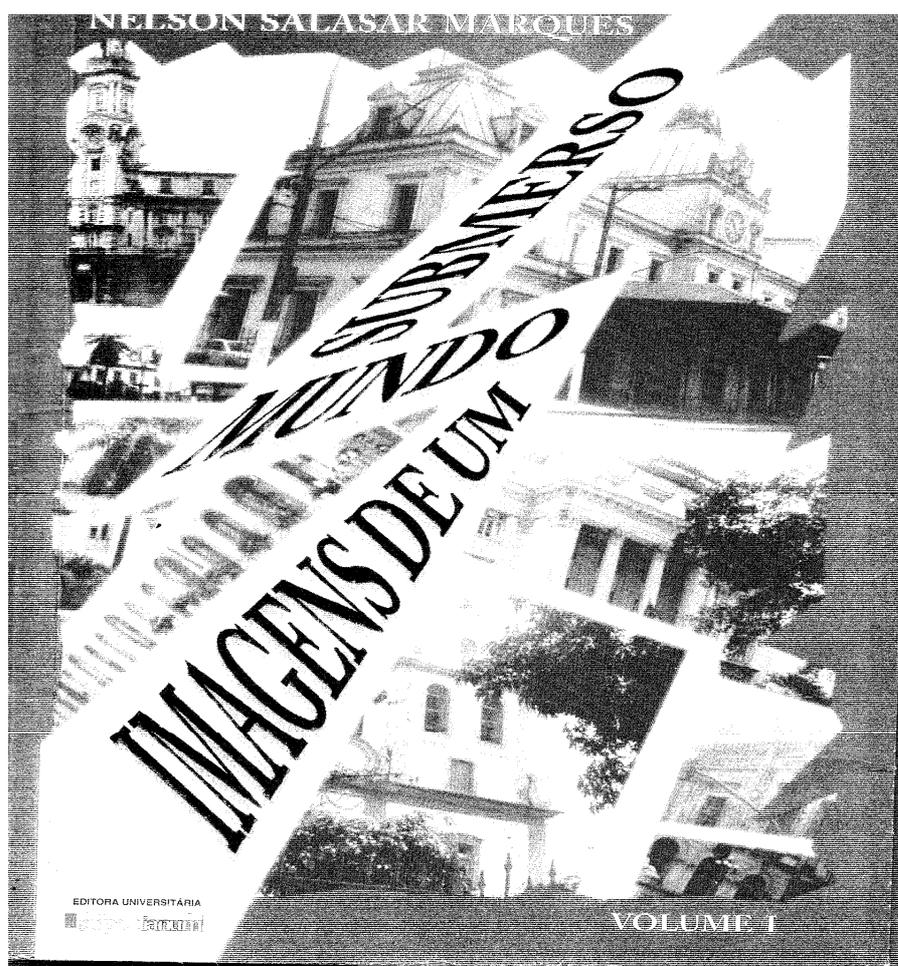
Identidade e memória, portanto, são processos em construção, inacabados, transformando-se. Uma obra, um fato ou um indivíduo são como estrelas que, perdidas na imensidão do céu, só serão salvas quando formarem uma constelação. O traço comum que as reúne é semelhante às representações presentes na memória de um grupo e que a ele conferem identidade. Sem memória não há identidade.

Aquele que conta transmite uma sabedoria que seus ouvintes podem receber com proveito. Sabedoria e conselho não significam intervir na vida do outro, mas sim fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada, reflete Mori (1998).

O lembrar, para Mori, é uma constante tensão entre passado e presente, uma busca de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. Nesse exercício, se traz à baila as imagens que se formaram enquanto mãos e idéias constroem a vida cotidiana.

Nessas rememorações vou recolhendo pequenas jóias que na época devida me passaram despercebidas. Trago-as para o presente e as analiso á luz dos novos tempos. Tiro delas o que me parece bom e o resto remeto de volta ao passado para o seu sono eterno. (MARQUES, 2000, p. 21).

2 - DESVENDANDO O TERRITÓRIO DA CIDADE



3: Capa do volume I de *Imagens de Um Mundo Submerso* 1995.

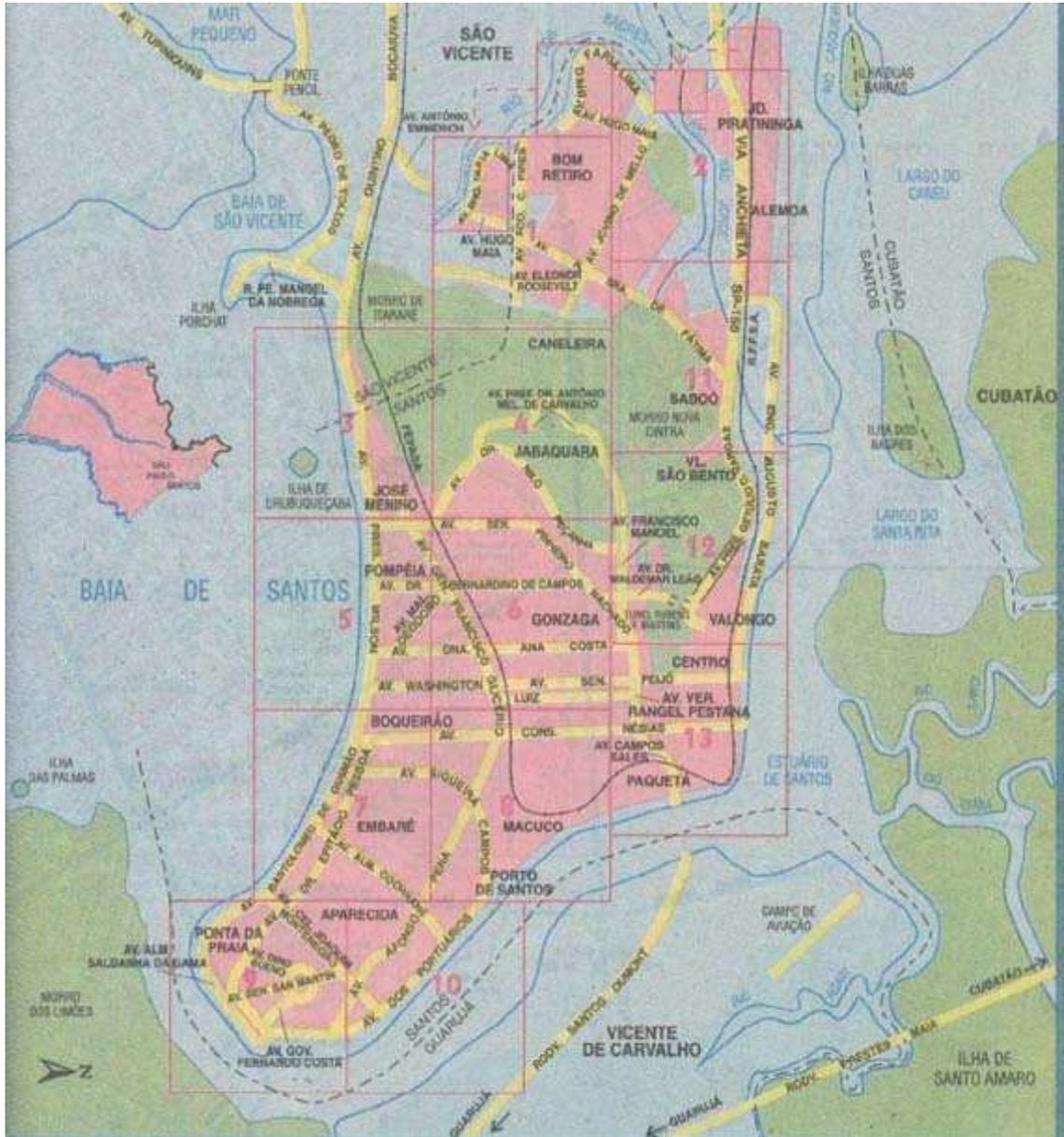
O historiador-poeta Nelson Salasar Marques escreve desde criança, como já foi dito anteriormente, tem um modo de escrever muito agradável e remonta dessa forma a história da cidade de Santos. Isso se dá justamente por escrever uma obra literária que trata da história, sem a preocupação de um historiador técnico, que tem que provar com toda a documentação possível o que está sendo dito. Sabendo que esta documentação e a história oficial mostram aquilo que os “poderosos” querem que seja mostrado, a história “vista de cima”. Nosso autor, ao contrário, escreve a história “vista de baixo”, mostrando o cotidiano do povo e, conseqüentemente, o seu próprio.

Salasar conta como surgiu a vontade de escrever sobre a história de cidade, já que escrevia há muito tempo sobre assuntos tão diversos.

Mas um dia, pela obra de Gilberto Amado, eu fui apresentado a João do Rio, o revolucionador da crônica carioca. Paulo Barreto, o famoso João do Rio, levou para os seus livros deliciosas passagens daquele Rio de Janeiro do começo do século. [...] Foi então que num dia qualquer de agosto de 1989 eu me achei caminhando ali pelos lados da estação rodoviária e quando me dei conta estava mergulhado em pleno coração do Bairro Chinês. Aquilo buliu comigo profundamente e eu decidi escrever a sua história. O redator-chefe do jornal A Tribuna, Carlos Klein, gostou e começou a publicar todos aqueles trabalhos sob o título de *Imagens de Um Mundo Submerso*. Já lá se vão mais de seis anos ininterruptos de escritos sobre a história de Santos, uma série de livros que, calculo, não terá menos de três. Talvez quatro, se tiver vida para tanto. (MARQUES, 1995, p.11).

E assim começa a sua saga como historiador, onde mostra os costumes e os fenômenos que fizeram de Santos o que ela é hoje. *Imagens de Um Mundo Submerso* é obra rara no gênero na literatura brasileira, uma simbiose em estilo literário e jornalístico, como bem acentuou o crítico Benedicto Luz e Silva.

Este capítulo se propõe a mostrar a história de nossa cidade através do olhar desse homem que deixou rastros à sua passagem pela vida.



4: Mapa de Santos (2008).

Santos foi e continua sendo uma cidade aprazível e viver nestas plagas é privilégio que poucos têm. É uma cidade sui-generis, uma pequena pérola incrustada neste Atlântico tropical, mas o seu risco mortal é se descaracterizar, perder as suas matrizes básicas, cortar cerce as raízes de um passado histórico que a tornou possível como cidade. Uma cidade que se desvincula de seu passado é cidade que se perdeu. Santos se mutilou mortalmente quando jogaram ao chão uma obra de arte como o Parque Balneário para, em seu lugar, erguerem eles aqueles blocos de cimento armado aborrecidos e sem-graça. Santos se mutilará quando, por falta de sensibilidade de seus administradores, vier abaixo o Cine Teatro Guarany, porque com ele morrerá uma parte da cidade. Mas eu ainda espero por um administrador capaz de integralizar essa síntese através da captação do espírito da cidade. Porque as cidades têm alma. (MARQUES, 1995, p.119).

O território de Santos foi sendo remodelado e expandido, devido à política sanitária implementada pelo governo estadual. A expansão rumo à praia contou com a modernização do porto para atender a economia cafeeira e a criação de canais de drenagem e de redes de esgoto, com o incremento da circulação urbana, nos primeiros anos do século XX, e, especialmente, da abertura das Avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias.

Já nos últimos anos do Império, foram loteadas extensas glebas nessa área, onde se formaram chácaras de veraneio com mansões que ostentavam o luxo e a riqueza oriundos do café e do tráfego portuário.

Até meados dos anos 30 do século XX, o município foi sendo habitado dos morros até as praias, e 60% de sua área estava urbanizada.

Gonçalves (1995), conta que os espaços foram divididos ao arbítrio dos dominantes lenta e silenciosamente. Cada pedaço de solo em Santos teve redefinidas suas funções: o lazer nas praias, o comércio no centro, o transporte do café ao longo do estuário, as fábricas na direção da serra, estas já no final da primeira metade do século XX.

Salasar, em suas lembranças, fala sobre o antigo Bairro Chinês, hoje parte do Bairro do Valongo, no Centro Velho.

Nosso autor nasceu na Rua Cristiano Ottoni, em 1930, hoje um território decadente, como percebe Salasar já adulto em seus freqüentes passeios pela região. Mas, no século XVII, segundo a historiadora Andrade (1989), o Valongo era habitado por pessoas abastadas, daí a escolha do local para a construção do convento franciscano.



5: Igreja do Valongo (construída em 1640)

Ele nunca soube o porquê daquele nome asiático, mas lembra que na sua infância dava *status* dizer que era do Bairro Chinês e isso acontecia porque, naquela época, os bairros eram muito centrados em si.

Pessoas do Morro do Pacheco, por exemplo, eram mal-vistas pelos moradores das terras planas, discriminadas sem qualquer motivo aparente.

O nome era Chinês, mas a realidade era lusitana. Ali moravam os portugueses; com seus tamancos de madeira, suspensórios enormes e mulheres massudas. Sapatos só aos domingos para ir à missa da igreja do Valongo, o que era uma festa e competia com o cine Guarani.

Durante a semana, depois do jantar, traziam para o passeio das ruas as cadeiras de casa. Os homens vinham palitando os dentes e não raro soltavam arrotos poderosos da melhor cepa lusitana. Ali, os homens lembravam de Portugal e as mulheres falavam de santos e igrejas e de graças alcançadas ou rezavam o terço e entoavam ladainhas chorosas.

Para Lanna (1996), historiadora com estudo sobre a cidade de Santos, na passagem do século XIX para o XX, a imigração portuguesa era resultante dos problemas e disparidades decorrentes do desenvolvimento do capitalismo no continente europeu.

Países como Portugal e Espanha, centros da expansão europeia no século XVI, no século XIX estavam à margem do sistema e transformaram-se em exportadores de mão-de-obra tal como nações que nunca desfrutaram de posições hegemônicas.

Frutuoso (1989), especialista em estudos de imigração portuguesa em Santos, considerou Santos como a cidade que, além de São Paulo, ofereceu mais perspectivas de melhora de condições para este povo.

Nas décadas de 30 e 40, lembra Salazar que as principais ruas santistas eram as ruas Visconde de Embaré e São Leopoldo, escoadouro único do Caminho do Mar que descia de São Paulo e onde se concentravam os armazéns de café da cidade.

A Rua Visconde do Embaré era a grande passarela de Santos, por onde passavam os carros da moda, o King-Kong (ônibus da CGT com cara de besouro, que parecia ter dois andares, de uma cor de café com leite muito viva).

Às sete horas da manhã começavam a passar por essas vias as carretas de café que pareciam tanques de guerra, as rodas de ferro recobertas com camadas de borracha pulverizada, ficando o ferro cru em contato com o calçamento de pedra, e ninguém dormia mais.

Além-fronteiras, Rua da Penha, Valongo, Beco dos Canudos, estava a “brasileirada” com outros costumes, freqüentadores de bares e consumidores de pinga.

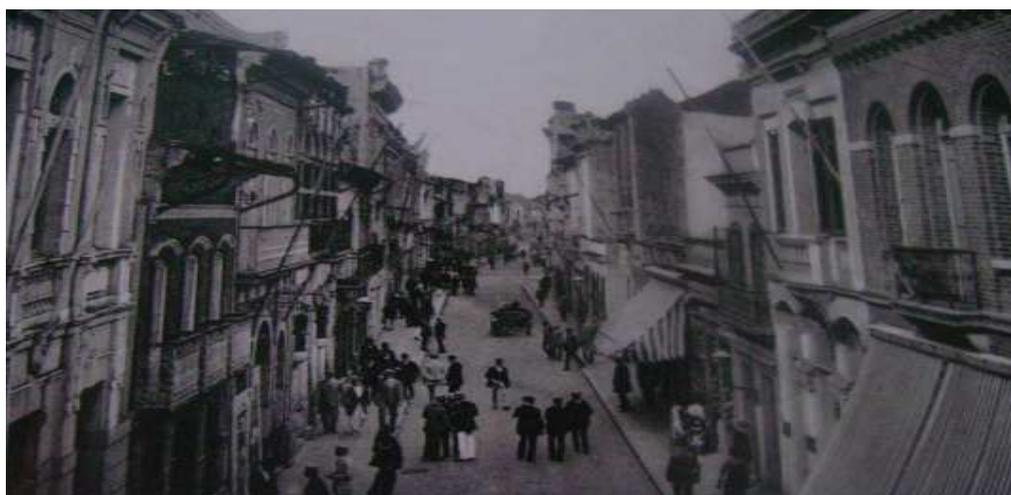
A Rua Caiubi, no Bairro Chinês, era o centro nervoso daquele universo do café. Ali estavam os grandes armazéns de arquitetura inglesa erguidos sobre tijolos vermelhos sem reboco e os portões trançados de ferro, através do qual se viam montanhas de sacos simetricamente arranjados, formando corredores fantasmagóricos.

Aos poucos, os brasileiros foram para o bairro Chinês, não paravam de chegar. Vinham dos morros, de São Vicente, dos bananais e dos mangues de Cubatão.

[...] do dia para a noite, anexos eram construídos nos espaços dos quintais das residências para instalar mais uma família da “brasileirada”. Aquela intrusão súbita de costumes e falares tão díspares romperam a harmonia consentida... azedumes antigos morcegavam a nova situação... as conversas nas calçadas, sucediam-se encontros furtivos... as noites do Bairro Chinês perderam sua inocência. Mas o que eles tinham contra a brasileiroada? “São gastadores, bebem pinga e não sabem educar os filhos”... e os portugueses começaram a bater em retirada. (MARQUES, 1995, p. 20).

E muitos portugueses rumaram para o Macuco, bairro essencialmente de trabalhadores do cais, como relatam Lanna (1996) e Brasil (2008).

Salasar conta que o jornalista espanhol Luís Amador Sanches certa vez, quando esteve em Santos, fez uma observação interessante, numa reportagem publicada pelo jornal *A Tribuna*: a cidade de Santos tinha características que ele nunca havia encontrado reunidas em nenhuma outra por onde andara em suas peregrinações, porque no pequeno espaço desta ilha, ela concentrava quatro cidades, sem se desfigurar. Dizia Amador Sanches, como relata nosso autor, que o nosso centro da cidade fazia lembrar uma pequena cidade européia, mas logo, a menos de duzentos metros dali, penetrava-se na Rua XV de Novembro e essa pequena caminhada levava a *Wall Street*, de Nova York, com todo o seu frenético movimento de atividades bancárias e cafeeiras. E outra caminhada de cem metros para o cais do porto. Um porto europeu, um porto americano, esplendidamente equipado. E do outro lado da cidade estavam as belas praias santistas que mais belas nem em Miami este jornalista vira.



6: Rua XV de novembro no início do século XX

A historiadora Andrade (1989) relata que os grupos mais abastados seguiam a velha tradição paulista de residir em chácaras (afastadas da cidade suja, poluída, da grande população e das doenças), até 1910. Mas, com a expansão urbana, foram morar em residências que passaram a ser construídas na Vila Nova, e os mais pobres ocuparam bairros da Vila Mathias e Macuco.

Estes bairros foram, no início, basicamente operacionais, abrigando quase a totalidade dos trabalhadores portuários, ensacadores de café, da Cia. City, da antiga São Paulo Railway, das construções civis etc.

Fundamental para esta expansão urbana foi a iniciativa oficial que permitiu a ocupação urbana dessa parte da ilha.

Pestana (1990), citando José Ribeiro de Araújo, conta que à medida que a população urbana crescia devido à ampliação do movimento portuário e comercial, novas áreas de residências foram se criando no entremeio das Vilas Matias (1880-1910) e Macuco (1890) e as zonas praianas; Vila Belmiro (1910-1915); Campo Grande (1915-1925); Vila Santista (1915-1925); Marapé (1930-1940); Ponta da Praia (1930-1950); Jabaquara (1920-1950).

Os moradores mais velhos desta terra contam que nas décadas de 30 e 40, pelo menos 30% da população santista moravam no Macuco. Não é difícil de acreditar, uma vez que o tradicional bairro já foi um dos maiores da cidade. Estendia-se desde o Entreposto de Pesca, na Ponta da Praia, abrangendo áreas nas Avenidas Afonso Pena e Pedro Lessa, até o mercado Municipal. Com o desenvolvimento do município, acabou perdendo áreas para outros bairros como Encruzilhada e Estuário.

O Macuco, com a aprovação do Plano Diretor de 1968, cedia áreas para os bairros como o Estuário, Ponta da Praia, Aparecida, Embaré e Boqueirão, como relata Brasil (2008).

A história do Macuco está ligada à tradicional família Macuco, possuidora de quase todas as terras que formaram o bairro. A antiga chácara da família começava na atual Rua Brás Cubas e seguia até a Rodrigues Alves. Este bairro iniciou-se entre a Rua Dona Luísa Macuco, a Avenida Conselheiro Nébias e o Estuário de Santos. Por morte do tenente Apolinário da Silva, marido de Dona Luísa Macuco, a chácara foi dividida mesmo antes da morte da viúva, dona de todas as terras da região, passando para mãos de terceiros; só ficou a parte de Dona Luísa, que era a mais próxima da cidade. Ela era filha de Francisco Manuel do Sacramento e de Manuela Urcesina da Silva (que detinham muitas terras na região).

Em 1884, com a morte de Dona Luísa Macuco, as terras são divididas entre os herdeiros, que cedem à Prefeitura da cidade algumas áreas para a abertura de várias ruas e procedendo em seguida, à venda dos terrenos em lotes e quadras.

O nome Macuco surgiu graças a um de seus mais ilustres habitantes, Francisco Manoel Sacramento, que gostava de caçar um pássaro preto de mesmo nome. O nome da ave acabou sendo incorporado ao seu nome e batizou também a Vila Macuco.

Um dos pontos mais conhecidos do bairro é, sem dúvida, a Bacia do Macuco, que fica no cruzamento das Avenidas Portuária e Siqueira Campos. Antigamente, ali ficavam os barcos que descarregavam areia, assim como um chafariz e um lugar para os burros beberem água. Ainda hoje, embarcações podem ser vistas na Bacia, onde algumas pessoas mantêm o hábito de se refrescar.

O Macuco também tem outros “moradores” famosos. Abriga a Escola de Samba X-9, as “casas populares”, muitas empresas ligadas à atividade portuária e armazéns.

No Macuco, em 1937, era tudo areia. Pedro Lessa, Senador Dantas, Castro Alves, Benjamim Constant, Álvaro Alvim e todas as demais ruas até juntarem-se com a Avenida Afonso Pena. A areia cobria até os próprios trilhos do bonde. O areal imenso morria ao bater no muro de residências que seguia a linha da praia até a altura da igreja do Embaré. Mas era uma muralha desfalcada de muitas casas, com grandes espaços que permitia ver o mar a uns dois quilômetros de distância.

Nesse deserto escaldante, surgiam de repente enormes manchas verdes que cobriam áreas imensas: eram as chácaras dos japoneses. Essas chácaras começavam na Avenida Conselheiro Nébias, atravessavam o Macuco e avançavam pelos canais 5, 6 e 7.

O Macuco, para Salasar, foi um bairro heróico e pioneiro: “ele foi o grande laboratório experimental de Santos.” (MARQUES, 1995, p.27).

“Sem as emanções do velho Macuco, Santos seria cidade insossa e boboca como essas que se espalham pelo interior em que viver se reduz a uma rotina castradora. O Macuco tinha tutano.” (MARQUES, 1995, p.112), complementa com entusiasmo nosso autor

O Macuco foi desfazendo aos poucos a estrutura do centro. Segundo Salasar, o Macuco era a Nova Califórnia americana e trouxe uma espécie de corrida do ouro. O ouro estava naquelas vastidões imensas de terra oferecidas a “preço de banana” para serem pagas em 15 anos sem juros. Muita gente enriqueceu. O Macuco da década de 30 foi absorvendo partes da cidade e tirando

o poder daquelas famílias que detinham ruas inteiras de casas no centro que, do dia para a noite, foram perdendo o seu valor e se transformando em cortiços.

A saída do português deteriorou o centro da cidade que foi invadido por migrantes de diferentes estados brasileiros, sobretudo do nordeste.

A lenta e gradual descaracterização do Macuco, para Salasar, veio com a saída dos japoneses, a eliminação de suas chácaras por causa da Segunda Guerra Mundial e o aparecimento das grandes várzeas, que foram se transformando em campos de futebol, mais de centenas deles.

O surgimento do Grupo Escolar Cidade de Santos, construído pela Companhia Docas de Santos e cedido à Prefeitura, ali por volta de 1939 e 40, foi outra importante etapa nesta metamorfose. “O Grupo Escolar Cidade de Santos civilizou o Macuco” (MARQUES, 1995, p.27).

Depois veio o cine Santo Antônio e universalizou o Macuco aos demais bairros de Santos, tirando-o daquele isolamento dentro do qual crescera. Mais tarde, veio a Rua Castro Alves e suas mansões. Foi a primeira rua realmente chique que Santos teve, cuja atmosfera exalava requinte e luxo. Esta trouxe a Rua São José e elitizou a área.

A palavra Macuco começou a incomodar e essa área “elitizada” e se transformou em Embaré. O Macuco começou a encolher. Primeiro foi contido pela Avenida Pedro Lessa e depois, foi amarrado pelo grande corte transversal da Avenida Afonso Pena.

Hoje, o Macuco está reduzido a trecho entre Avenidas Afonso Pena, Siqueira Campos, Rodrigues Alves, Ruas Conselheiro João Alfredo, Almirante Tamandaré, Campos Melo e Xavier Pinheiro e é uma zona tanto portuária quanto residencial das populações assalariadas.

Segundo Salasar, ao contrário das cidades do interior, adormecidas no silêncio das grandes e vastas solidões, a imagem que a Santos das décadas de 30 e 40 passa é a de ebulição permanente. Santos sempre foi uma cidade ruidosa, matizada por todos os tipos de ruídos. Apitos dos trens da Inglesa e dos grandes navios que entravam e saíam juntavam-se aos ruídos dilaceradores de tímpanos das rodas de ferro dos grandes carretões de café da Companhia União de Transportes.

E havia aquele intérmino barulho das ondas quebrando-se na areia.

Era este barulho do mar, uma espécie de lamento noturno das ondas em estado de revolta, que embalava o nosso sono. Era coisa continuada que alcançava pontos distantes da cidade e que só morria quando se embolava de manhã cedo, com o barulho dos bondes correndo nos trilhos. Este marulho do mar todo o homem da praia carrega dentro de si... e mais os apitos dos navios que partiam... os apitos da SPR, tudo isso parece ter formado aquele rico tecido místico de santisticidade. (MARQUES, 1995, p.77).

Este trecho mostra bem a questão da memória auditiva que persegue o homem sempre que este o ouve, fazendo-o recordar de coisas da sua infância e de seu cotidiano longínquo.

Sobre a expansão dos bairros, Gonçalves (1995), que estuda a cidade de Santos no período de 1945 a 1962, relata que essa expansão foi fantástica, pois foi acompanhada pela urbanização da cidade: bairros inteiros, como Marapé, boa parte do Embaré e o atual Aparecida foram drenados e pavimentados na segunda metade dos anos 50, e que o avanço da construção civil e do turismo geraram reflexos no comércio que cresceu e se modernizou, enquanto que a prestação de serviços multiplicou-se e diversificou-se.

Por volta de 1950, continua Gonçalves, enquanto a maioria das cidades brasileiras era carente de infra-estrutura básica, Santos já possuía excelente nível de equipamentos e serviços urbanos.

Frutuoso (1989) observa que a própria cidade de São Vicente cresceu em função da expansão de Santos, além de Vicente de Carvalho, na ilha de Santo Amaro, pois foram estas as áreas escolhidas pelo proletariado, que passou a morar cada vez mais longe do local de trabalho, em busca de terrenos mais baratos.

3 - AS MORADIAS

A construção de edifícios é intensificada na década de 50, como nos conta Gonçalves (1995), com o incremento dos negócios imobiliários. Este fenômeno chega a provocar sensível declínio do comércio hoteleiro, explicado pela aquisição maciça de um segundo imóvel pela população turística, além do estabelecimento de intenso comércio de aluguel de apartamentos.

A orla da praia, até então constituída por grandes mansões que remontavam os áureos tempos do café, é rapidamente invadida por uma sucessão contínua e compacta de grandes prédios de apartamentos.

Silva (1995) relata que a partir das décadas de 40 e 50, a crescente complexidade econômica da região, o aumento populacional e o turismo exerceram um peso considerável no rearranjo da cidade. As mansões situadas nas avenidas paralelas e perpendiculares à praia foram cedendo espaços aos arranha-céus, enfileirados de São Vicente à Ponta da Praia. Por outro lado, bairros como o Macuco, Vila Belmiro, Campo Grande, Marapé e Jabaquara abrigavam grande

parte dos trabalhadores, que em geral habitavam casas separadas do solo por meio de pilastras de tijolos ou estacas de madeira – os chalés.

As ruas do Macuco eram compridas, sem calçamento, ladeadas de chalés muito parecidos uns com os outros, como gente da mesma família. Existiam antigas casas de estilo colonial, ladeadas de varanda, além de residências mais modestas que não impediam a invasão do vento que soprava do mar. Era considerável o número de porões habitados, inimigos dos pulmões vulneráveis à tuberculose.

Nessa mesma época, como relata Gonçalves (1995), o crescimento urbano fez com que a classe média fosse tomando conta das áreas proletárias, como os bairros de Campo Grande, Vila Belmiro e Macuco, e determinou a migração das famílias operárias.

Inicialmente foram ocupados outros morros da cidade e a zona noroeste, para em seguida essas populações se espalharem pelos municípios vizinhos.

A paisagem residencial se altera, os antigos chalés de madeira, assentados sobre pilares, ou casas de alvenaria, mas com porões habitáveis e fachadas junto à calçada, foram sendo substituídos por bangalôs ou residências mais amplas, à medida que os melhoramentos nas respectivas ruas iam também se ampliando e abarcando novas áreas. Formaram-se, assim, entre a velha zona residencial da cidade e a recém transformada área praiana, bairros bastante semelhantes entre si na sua estrutura e na paisagem, com o nítido domínio da classe média, embora se observe, ainda, alguns vestígios das paisagens proletárias (trechos do Marapé, Jabaquara, Vila Santista), de que o chalé de madeira é um traço característico.

Silva (1995), em *A Carga e a Culpa*, confirmando as pesquisas de Frutuoso, relata que os ibéricos fixaram-se, principalmente, nas encostas voltadas

para o centro comercial, onde se localizavam os morros. A especulação imobiliária nessas áreas e o policiamento dos proprietários contra a ocupação de suas terras deslocaram a população pobre, engajada principalmente nos trabalhos do porto, para os morros.

As más condições de habitação eram compensadas pela economia de tempo e de dinheiro, uma vez que esses moradores podiam chegar com maior facilidade aos locais de trabalho. Em tais áreas, os imigrantes construíram casas de madeira em terrenos vendidos ou alugados.

Salasar, ao falar dos morros do centro da cidade, nas décadas de 30 e 40, conta que esses tinham uma característica interessante: eles funcionavam como filtros de ascensão e de estagnação sociais, porque descer à planície era subir na escala social. O morro para o imigrante ambicioso era lugar de passagem e o chalé americano pintado de chocolate dependurado ao longo das encostas era pouso transitório.

No Macuco, imperou o chalé de madeira, eram ruas inteiras de chalés, a Comendador Alfaia, a Nabuco de Araújo, Torres Homem, a Liberdade e dezenas delas. Era o tipo de construção adequada para o pioneiro. O chão era quase de graça e em dois ou três dias a casa estava de pé. Todos os vizinhos ajudavam.

Geralmente o chalé de Santos tinha uma varanda comprida treliçada de ripinhas para onde se abriam os quartos. Não havia quartos intercomunicantes porque em momentos de aperto financeiro, os portugueses os alugavam para uma ou duas famílias.

Lanna (1996), estudando Santos de 1870 a 1913 fala da construção dessas casas que surgiram num movimento de expansão das fronteiras urbanas. Os despossuídos foram recolocar os mesmos padrões de habitação e precariedade,

mas longe dos olhares civilizados. Esta autora diz que o acesso a esse tipo de habitação (chalés), por mais precário que possa ter sido, revela a possibilidade de formação de pecúlio por pelo menos parte da classe trabalhadora. Sua implantação e a disposição de suas peças revelam os avanços do padrão burguês de habitação - casas unifamiliares, com espaços e funções internas claramente estabelecidas e distanciadas da rua. Os chalés indicavam uma diversidade crescente de possibilidades do morar na cidade em formação.



7: Chale em Santos

Andrade (1989) conta que era popular esse tipo de moradia, devido à necessidade de habitação; aos altos custos dos aluguéis no Centro; à pressão da Comissão Sanitária contra os cortiços; à mão-de-obra barata e ao costume de

mutirão; ao relevo de planície; à existência de madeira trazida ou pela ferrovia ou por navios; à presença de linhas de bondes (ligeiros e baratos).

O número de chalés era tão grande que dominava ruas inteiras de muitos bairros. E, sendo o Macuco um bairro de trabalhadores do cais, servido pelo famoso bonde 19, a área foi eleita para a construção dos chalés.

4 - OS TRANSPORTES

Para Lanna (1996), a construção das Avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa foram fundamentais para que a cidade ultrapassasse, da forma como fez, os limites a que estava restrita desde os tempos coloniais. A construção do terminal ferroviário no Valongo, garantindo a ligação com São Paulo, associado à descoberta da praia, foram elementos importantes para reorientar o sentido da expansão da cidade.

A cidade dos ricos, a cidade moderna, procurou outros caminhos. As linhas de bonde ligaram o centro da cidade com a Ponta da Praia com os bairros da Vila Matias e o Bairro do Gonzaga.

Na obra de Salazar, um aspecto interessante é como ele vê e sente a questão dos transportes em Santos. Mais do que meio de locomoção, de expansão da cidade, esses, são para ele, lugares de encontros, capazes de unir ou separar pessoas e até mesmo de distingui-las socialmente. São carruagens mágicas que carregam os sonhos das crianças e de muitos adultos daquela época.

Nosso autor tem pelos transportes da época um olhar único. Em sua visão pueril transforma esses transportes: bondes, trens e navios, em seres personificados.

4.1 - OS TRENS

A São Paulo Railway foi a primeira estrada de ferro paulista. Construída com recursos ingleses, foi inaugurada em 16 de fevereiro de 1867. No início vencida a Serra do Mar em pouco mais de quatro horas, como relata Andrade (1989).



8: Estação ferroviária São Paulo Railway– início do século XX

A estrada de ferro foi o segundo grande fator das modificações urbanas e sociais da cidade de Santos, embora dependente da primeira que foi o café.

O café, ao superar o açúcar, transformou-se no produto rei da economia paulista, e, a partir daí, é impossível entender a história de Santos sem ele.

A ligação do porto com o interior fez de São Paulo o local de entroncamento das múltiplas ferrovias. E isto foi condição para as várias possibilidades de expansão da economia e poderio da capital.

A ferrovia, complementa Andrade (1989), esta obra fantástica de engenharia trouxe uma velocidade nova que permitiu uma agilidade no comércio do café e incrementou as relações com o planalto. Criou novas possibilidades de emprego para a população da cidade, funcionando como elemento de atração de mão-de-obra. Ao seu redor apareceram novos lugares de convivência. Quiosques, instalados na estação, rapidamente se transformaram em local de encontro da população. Daí para frente, as elites locais foram gradativamente abandonando o Valongo, que se consolidou como lugar de habitação de trabalhadores ligados ao porto e à ferrovia e aos inúmeros armazéns e depósitos instalados na região, e dirigiram-se para áreas novas na cidade em expansão.

Conta Salasar que na sua infância os ruídos dos trens e as rodas que friccionavam os trilhos eram a sua canção de ninar. Às sete horas da noite, em ponto, o último trem da São Paulo Railway (SPR) partia para São Paulo e às nove e meia o último de São Paulo chegava: “era um trem poderoso, arrasador, um trem que já anunciava a sua presença a um quilômetro de distância.” (MARQUES, 1995, p.17).

Mais tarde, um novo trem despertou a curiosidade do povo, não tinha máquina, nem soltava fumaça, “coisa mágica, coisa do diabo... ele andava sozinho” (MARQUES, 1995, p.17), comentavam as pessoas, era o trem Cometa que chegava a Santos.

Para Salasar, este foi um dos fatores que levaram à decadência da Rua Visconde do Embaré, porque o trem Cometa entrou em competição com o ônibus King-Kong da CGT, ônibus de dois andares que começou a rarear e, mais tarde, sumiu para sempre.

Depois do Cometa vieram outros, O Planeta e o Estrela, trens imensamente belos, luxuosos e rápidos e que faziam o percurso até São Paulo em 100 minutos.

Lembra que foram os trens, os navios e os vagões das docas que vincaram fundo a formação dos garotos santistas daquela época. Ser maquinista, bilheteiro, guarda-trem, vestidos em impecáveis uniformes azuis, era o sonho de muito garoto.

Naquele tempo falava-se 'eu quero ser maquinista ou bilheteiro', como hoje se diz 'eu quero ser advogado, engenheiro ou dentista'. E às vezes em meus devaneios eu fico imaginando a criação de uma super ferrovia para que estes nossos jovens que entulham faculdades do país voltassem a querer ser maquinistas e bilheteiros: a sociedade seria mais saudável e eles, esses pobres jovens, menos frustrados. (MARQUES, 1995, p.77).

Os trens da Inglesa, conta ele, tinham certa magia pelo fato de serem raramente vistos. Eles corriam do outro lado de um muro alto que ia da estação ao cemitério do Saboó, de modo que nunca eram vistos atravessando a cidade. Mas o seu ruído era inconfundível, lembra o autor. Era ponto de referência para pôr mesa de jantar e, às 9h45 da noite, fazer criança ir para cama. As casas tremiam à sua passagem e as lendas sobre os trens da Inglesa cresciam entre a molecada e os adultos também.

Eram longas carruagens de madeira trabalhada com grande arte e a maioria tinha uma porta em cada extremidade e os vagões eram ligados uns aos outros por lonas sanfonadas, e se deslocavam ao ritmo imposto pelo movimento do trem. Outros tinham apenas uma grande porta central e eram carruagens de alto luxo e de bom gosto. Eram sempre vagões de primeira classe. Os lustres eram todo de cristal e os metais de maçanetas e frisos dourados. A parte do forro do

vagão era projetada para cima, formando uma espécie de cúpula recoberta com vidros de cores harmoniosas que filtravam os raios de sol.

Viagem de Santos a São Paulo fazia a pessoa pôr a sua melhor roupa, toalete completa. Os homens portavam casacos, gravata, luvas, chapéu. As mulheres chamavam a atenção pelo requinte das roupas e o salto alto e era bonito vê-las descer a Rua do Comércio aos grupos em direção à Praça Rui Barbosa.

Nas manhãs de domingo nós íamos à missa do Valongo só para ouvir o frei Odorico Durieux e do portão da igreja víamos aquelas mulheres com sombrinhas diáfanas de Renoir carregando cestas de piquenique. Mais tarde o automóvel poria fim àquela confraternização, isolando o ser humano, pondo-o em solidão pungente. (MARQUES, 1995, p.79).

A estação ferroviária tinha uma atmosfera cultural acentuada, percebeu Salazar, pois depois da chegada e antes da partida dos trens, grupos de pessoas reuniam-se ao redor das grandes estantes de livros que faziam o fundo das bancas de jornal e ali folheavam velhas obras. Era comum alguém ir ao Bazar Paris ou à Estação da Inglesa em busca de livros. “Muita conversa saborosa e comentário perturbador foram trocados à sombra daqueles trens que dormiam junto à plataforma.” (MARQUES, 1995, p.80).

Voar, para Salazar, é algo que ia contra a natureza humana, por isso não acreditava que alguém não tenha medo de viajar de avião.

Compara, em seus escritos, esse medo com a subida da serra de trem na sua época de garoto. Os grandes viadutos eram bem estreitos e o trem passava roçando a encosta de tal maneira que quem olhasse da janela para baixo não via nenhum apoio para as rodas e entrava em pânico.

Viajar a São Paulo, lembra ele, era para menino de Santos a grande iniciação aos mistérios da vida. “Pai que se prezasse levava o seu filho para uma viagem no trem Cometa, aquele foguete movido a óleo diesel.[...] O fascínio era enorme e a velocidade daquela máquina silenciosa nos embriagava.” (MARQUES, 1995, p.83).



9: Nelson em ferrovia na Europa

4.2 - OS BONDES

Andrade (1989) relata que sem o bonde a expansão urbana não teria sido feita com rapidez. O bonde era leveiro e percorria enormes distâncias com frequência. Permitiu dinamizar a ocupação de vastas áreas que foram loteadas e ocupadas. Para Salazar, entretanto, os bondes eram mais do que isso, faziam parte da personalidade de um povo, eram a alma da cidade.

Ele dizia que os bondes adquiriram uma personalidade funcional estética que lhes vinha do percurso e dos seus passageiros. O percurso os modelava e lhes instilava uma espécie de alma e características próprias, não sabendo dizer se eram os bondes que se amoldavam às ruas por onde passavam ou se eram essas ruas que se amoldavam aos bondes. Eles tinham traços agradáveis e repulsivos e os lugares por onde passavam lhes acrescentavam ou diminuía a reputação.

Para Salasar, havia bondes amigos, hostis, bondes frios e indiferentes. Havia bondes encantados. Bondes imponentes. E havia bondes “afrescalhados”. E iguais a certas pessoas, havia bondes deslocados, bondes que corriam por paragens às quais não pertenciam, peças desencaixadas no contexto da paisagem.

A virilidade era marca do Bairro Chinês. Símbolo dessa virilidade era a presença do famoso bonde R (o bonde rápido), lembra Salasar. Era um tipo de bonde fantasma, ele saía de São Vicente às 11 horas em ponto e vinha pela Avenida Antônio Emmerich até chegar à Praça dos Andradas. Ele não parava nunca e quem quisesse pegá-lo, tinha de ser em movimento. Ser visto dentro dele era a glória maior. “Aquela época, atingia a maioria no Bairro Chinês não quem completasse 18 anos, mas quem fosse visto entrar na Rua Visconde do Embaré aboletado no cangote do surrealista e impossível bonde R.” (MARQUES, 1995, p.19)

Um dia, o pai de Salasar pegou a família e a levou até a Rua São Leopoldo. Tomaram o bonde 19 rumo ao Macuco e nunca mais voltaram a residir no Bairro Chinês.

O bonde 19 assumiu na história de Santos o papel daqueles velhos carroções americanos que levavam para o oeste os pioneiros, reflete Salasar. Ao

contrário do bonde R, ele era lento e preguiçoso, parava em todos os pontos, em todas as esquinas e em todas as portas.

O bonde 4 transitava a Avenida Conselheiro Nébias, que àquela época (década de 40) era uma “artéria inexpressiva” em termos de tráfego, era a passarela desse bonde, que batia firme de extremidade a extremidade. Esse bonde deu origem ao atual ônibus 4, que segue a mesma trajetória.

Os carros eram ainda raríssimos, só um ou outro comerciante próspero se aventurava a importar um deles; geralmente comerciantes portugueses para quem a riqueza começava a abrir os braços.

O bonde 4 era uma figura dominadora, porque só corria por avenidas nobres e contornava praças também nobres. A Praça Mauá era seu *grid* de largada. Era um bonde diferente, porque levava pessoas diferentes, que usavam paletó e gravata. Nada daquele cosmopolitismo dos bondes de bairro que se arrastavam apinhados de gente dependurada por todos os lados. No bonde 4 tudo era harmonia e elegância.

O bonde 1, para Salasar, foi outro guerreiro, atrevido e furioso. Tomar o bonde 1 à noite, que fazia o trajeto pela Caneleira via Matadouro até São Vicente, era aventura certa, parecia-se com um trem, alcançava 70 quilômetros por hora; o atrito de suas rodas com os trilhos soltava chispas de fogo que iluminavam a noite.

O bonde era uma carruagem de fogo. O longo percurso tornava-o um bonde apressado. Ele embarafustava por aquelas ruas movimentadas do Bairro Chinês até alcançar a Praça dos Andradas, despejando ali vicentinos deslumbrados e caiçaras deslocados e arredios pela beleza e imponência daquela área arborizada. E no mapa desta nossa ilha de São Vicente, o bonde 1 foi a sua grande lançadeira que, indo e vindo, trançava em seu tecido a etnia das raças nas noites de domingo ali na Praça dos Andradas. (MARQUES, 1995, p.59).

O bonde 19 era um bonde singular e, na visão de Salasar, foi o que mais trabalhou e aquele a quem Santos mais deve, pois o seu percurso era imenso, atravessava a cidade de mar a mar, costeando os armazéns das Docas e entrando pelas vastidões do Macuco. Para ele, este se assemelhava a um burro de carga, lento e cansado naquele areal imenso.

Já os bondes Y e X exerciam sobre Salasar um fascínio, pois passavam rapidamente pela Praça Rui Barbosa, e eram bondes escorregadios e misteriosos, não fazendo o seu percurso em campo aberto, “rolavam sorrateiros e depois sumiam em desvãos e ruelas estreitas.” (MARQUES, 1995, p.65). Poucos eram vistos pelas pessoas e, ao invés de números, apresentavam letras e isso intrigava nosso autor em sua infância.

O bonde 3 era uma carruagem de imponência real, articulado em duas partes, corria ao longo da orla de nossas praias, da Praia da Biquinha, em São Vicente, até a Ponta da Praia, em Santos. Nele se desfrutava totalmente a paisagem do mar selvagem de um lado e da cidade em crescimento do outro.



10: Ponto de bonde. Ponta da Praia. Década de 10 do século XX.

Nosso autor acredita que o bonde teve uma função social que muito poucos se deram conta, pois socializou o homem, acabando com o aristocrático mundo das caleças, das carruagens e dos tálburis, onde as pessoas se isolavam em extratos sociais elitizantes, fechados. O bonde invadiu o mundo, misturando as pessoas e pondo-as em convívio humano obrigatório.

Muita amizade duradoura nasceu naqueles bancos transversais de bonde aberto, muito namoro pegou firme e acabou em casamento naqueles percursos de casa ao trabalho, lembra Salasar.

Os bondes de Santos eram originais e únicos em sua forma visual e estética, com linhas retas, ao contrário dos bondes de São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas e outros lugares onde os bondes tinham as extremidades arredondadas.

E aqueles bondes únicos no mundo começaram a ser lentamente desfigurados por administrações e administradores que queriam deixar na cidade a marca de sua passagem.

Com isso foram sendo mutilados, suas formas alteradas, a cor, passando do verde original para um prateado manchado de vermelho. “E o que tínhamos já para o fim eram trambolhos disformes que se arrastavam pelas ruas humilhados e ofendidos.” (MARQUES, 1995, p.61). E, em fins da década de 60 do século passado, algo inexplicável começou a acontecer: os bondes foram sendo simultaneamente desativados em todas as grandes cidades brasileiras, privando as pessoas de um transporte seguro e não poluente.

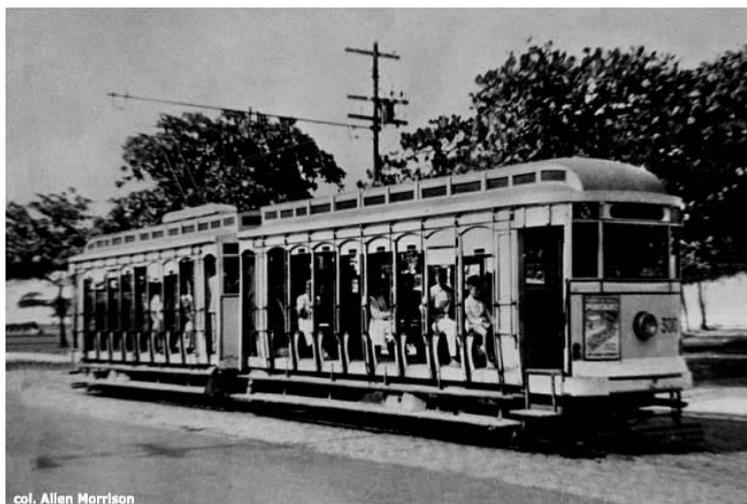
Fico boquiaberto ao encontrar pessoas que aprovam a desativação dos bondes em nome do progresso. Os próprios desativadores do sistema usavam esse argumento. Progresso! Mas que progresso? [...] Onde está o progresso – e a modernidade – numa concepção de transporte que, tirando seus usuários de um veículo seguro, limpo, de manutenção barata, econômico, arremessa-os em jaulas sobre rodas, carregados como se fossem gado em trambolhos poluidores,

deficitários e caríssimos? E quando vejo a precariedade de nossos transportes e a solidez do transporte das grandes cidades européias, que souberam criar e preservar um inteligente sistema misto bonde-ônibus, então eu me pergunto se uma comunidade que se deixa espoliar sem lutar, sem protestar ao menos, então eu me pergunto se essa comunidade merecia sorte melhor. (MARQUES, 1995, p.68).

Foi quando o brasileiro começou a se motorizar. “O carro isolou o homem daquele convívio social do bonde, e jogou-o novamente no século XIX, com seus extratos sociais delineados.” (MARQUES, 1995, p.63).

Para Salazar, o automóvel invadiu as cidades e perigosamente modificou o perfil psicológico do ser humano, alterando-lhe o comportamento. O homem tornou-se mais egoísta, insensível, e uma vez dentro daquela “bolha de metal”, o mundo lá fora que se danasse.

O carro desfigura o homem espiritualmente, fisicamente. Este se torna obeso, engordura-se por dentro e por fora. E a grande tragédia é que ele foi sendo absorvido por essa nova realidade e não se apercebeu disso.



11: Bonde articulado – 1935.

Salasar reflete em sua obra sobre a escassez de pesquisas sobre a presença dos bondes nas cidades brasileiras e o que eles representaram na vida urbana, pois o bonde alterou todo um processo de vida comunitária. Pouco ou quase nada viu sobre estudos abordando a psicologia desses veículos e o seu impacto sobre a vida das cidades nas quais eles se instalaram.

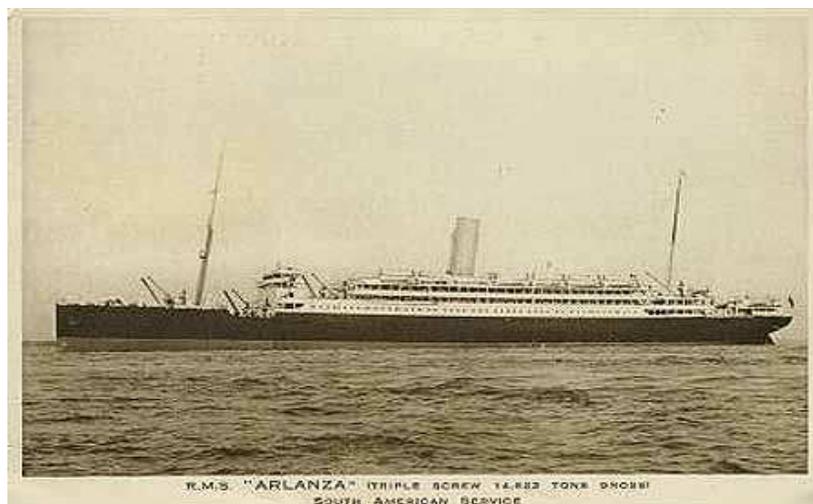
Observa que Machado de Assis, por exemplo, não parecia gostar de pôr os seus personagens em bondes e, se alguma vez chegou a fazê-lo, o fez muito raramente.

Lembra que, em Santos, Waldemar Barbosa Trigo, em *Minha Cidade*, dedica aos bondes santistas um atraente estudo sobre aqueles elétricos que por aqui fizeram história, mas não se alongou, fez observações rápidas e percucientes, cheias de espírito, aligeirando um assunto que pedia estudo aprofundado.

4.3 - OS NAVIOS

No Macuco, na década de 1930 e 40, da nova casa, Salasar podia ver, através dos descampados, os cascos dos grandes navios contornando o canal da barra. Eram embarcações de proporções inimagináveis, coisa de meter medo em criança. Dali ele viu o Cap. Arcona, o Alcântara, o Astúrias e o Arlanza.

Ele sentia como se tivesse saído da plenitude vivificadora do Bairro Chinês para entrar na solidão do mar e, nas noites daquele Macuco de 1939, noites dilaceradas pelos apitos agudos dos grandes transatlânticos que partiam na escuridão como que obedecendo ao chamado do oceano.



12: Navio Arlanza
Cartão Postal da Royal Steam Packet Company

Relembra Salasar que essa visão levava à introspecção. Era uma visão súbita, porque eles não entravam apitando... “De repente lá estava aquele monstro pré-histórico diante de nossos olhos.” (MARQUES, 1995, p.21).

A vista era desimpedida, porque não havia casas para aqueles lados, só chácaras, e podia-se ver o casco negro dos grandes transatlânticos e, em certas partes, até a água espumante que a sua tonelagem deslocava ao passar. “O Cap. Arcona parecia uma cidade flutuante e ele deslizava belamente por cima dos machuchais. Era uma visão hipnotizadora.” (MARQUES, 1995, p.22).

O navio francês Normandie, de tão grande, nem conseguia entrar no porto de Santos. Ancorava na Ilha das Palmas e os seus passageiros eram transportados de lancha até o cais.

Esses grandes transatlânticos saíam à noite e a visão era impressionante. Aquelas milhares de luzes acesas dentro da noite, movendo-se em direção ao mar

aberto. Eles saíam do porto apitando e todos iam para a varanda ver a sua trajetória. “A minha mãe acenava para ele e dizia com grande emoção: ‘Deus te guie’ “. (MARQUES, 1995, p.23).

Quando estourou a guerra, os grandes transatlânticos desapareceram de Santos e do mundo.

Ó! Belos transatlânticos, quantos olhares de menino carregastes convosco ao sair do canal da barra, soltando aqueles urros dominadores de garanhões dos sete mares, mas depois de ganhades o mar aberto, ó, graça e desgarre de movimentos, parecíeis cisnes deslizando pelas águas. (MARQUES, 2001, p.23).

5 - OS COSTUMES

O Natal no Bairro Chinês era muito agitado. No final do ano os portugueses ficavam frenéticos, durante dias a fio carregavam garrações de vinho e sacos de castanhas.

Polvo, sardinhas, rojões de porco, bacalhau, leitões, cabritos, frangos, pernas de porco, perus, passas, figos, caixas de uva, maçãs, cerejas. Tudo o que se possa imaginar era estocado naquelas casas portuguesas, onde comer era uma religião. Por essa época só se pensava em comer. As avós faziam os filhoses⁷, todos os moleques se instalavam na cozinha ao redor da velha avó.

Divaga o autor que sem o saberem, e sem nunca terem lido Karl Marx, Engels ou Lênin, aqueles portugueses do Bairro Chinês punham em prática o mais perfeito tipo de comunismo de que se tem a notícia na história.

⁷ Bolinho de ovos e farinha polvilhado com açúcar e canela ou passado em calda de açúcar.

O ideal utópico do pensador francês Gabriel Marcel era posto em prática por aqueles lusitanos: eram as residências coletivas. Este fenômeno ocorria com mais frequência e nitidez nas ruas Visconde do Embaré e Cristiano Otoni; duas, três e às vezes até quatro famílias partilhavam da mesma casa com um espírito de harmonia total.

Na casa de Salasar eram três famílias. A cozinha era uma só e as atividades culinárias desenvolviam-se em horários rigidamente programados. O banheiro também era um só. Aquela amizade cimentada naquela convivência difícil do cotidiano foi amizade para o resto da vida: trinta, quarenta anos depois ainda se visitavam.

Muito da Idade Média se fazia presente na década de 40 e analisada por um memorialista como Salasar tem um sabor pitoresco por apresentar detalhes antes pouco estudados. Um exemplo disso eram as viúvas negras, mulheres novas e velhas que arrastavam pelo chão da cidade com aqueles enormes vestidos pretos, mostrando sua viuvez.

Para mulher portuguesa perder marido era perder tudo. Marido novo não havia. Consumiam-se entre o trabalho duro e as lembranças do falecido. Marido morto era marido adorado, virava santo. Quando este era vivo, apanhavam dele, levavam surras homéricas, mas continuavam a segui-lo sem queixas nem azedumes.

Nem fatalidade, nem tragédia alguma abatiam mulher portuguesa, porque ela havia sido criada na convivência diária da aceitação de sua sina. Sua missão na terra era seguir o seu homem e, quando ele morria, uma parte dela também morria.

Mas, no dia seguinte, o seu homem já enterrado, daquela mulher passiva e obediente, nascia uma guerreira. Deixada só, com vários filhos pequenos, sem casa própria nem aposentadoria, ela se transformava dentro de sua armadura negra e partia para enfrentar o mundo lá fora.

O tanque de lavar roupas era o seu campo de batalha e o seu altar de onde saíria o sustento dos filhos órfãos. Quem caminhasse pelas ruas do Macuco nos fins de tarde iria encontrá-las afundando os tamancos na areia fofa vergada sob o pesado fardo da trouxa de roupa lavada que elas levavam às casas das patroas.

Naquela época, as pessoas em geral vestiam-se bem, havia muito modismo de Hollywood. As mulheres solteiras andavam de salto alto, sempre de saia e vestido. “Os jeans ainda estavam no porão da história futura e sequer ameaçavam com a sua estandardização do mau-gosto coletivo.” (MARQUES, 1995, p.53).

Vestir-se bem era ponto de honra para qualquer mulher; mulher podia privar-se de tudo, racionar alimento, procurar escola barata, mas vestir-se bem era essencial. Vestir bem as filhas tinha a finalidade maior, a de “caçar” maridos.

A realidade de Santos era ainda uma realidade portuguesa impregnada de rezas, terços, trezenas a Santo Antônio, ladainhas e missas.

Santos era cidade “conversadeira”. Falar era necessidade premente. Conversava-se nos bondes, nos seus pontos de parada, ao redor das bancas de jornal. Depois das cinco da tarde iam todos para as calçadas em frente de suas casas e as conversas se esticavam.

As padarias eram as grandes catedrais do disse-que-disse e das incursões pela vida alheia. Havia, naquele falatório todo, uma quase necessidade física de expressão que Salazar atribui àquela tradição oral europeia que os portugueses

trouxeram para o Brasil, mas as conversas eram limitadas, todas corriam para um mesmo ponto: a exaltação de Portugal e a conseqüente depreciação do Brasil.

Salasar conta que ele e os outros meninos cresceram tendo na cabeça que Portugal era o maior país do mundo. O mais poderoso. O mais sábio. O país que tinha as melhores frutas do mundo. O fado parecia ser a maior música que o mundo já havia visto. Perto de Portugal, o Brasil nem existia.

Porém um acontecimento deu fim a muitos desses costumes: as novelas radiofônicas. Elas acabaram com as conversas nas calçadas e impuseram um padrão novo de comportamento. A mudança de hábito foi completa. Ao terminar a Hora do Brasil, todos se achegavam ao rádio em semi círculos ou se amontoavam pelo chão, as luzes eram apagadas e, por fora, as casas pareciam túmulos, as bocas se fechavam e os olhos se arregalavam. “A novela radiofônica impôs a todos a tirania do silêncio” (MARQUES, 1995, p.118).

5.1 - RELIGIOSIDADE

Lanna (1996) conta que a presença da Igreja e a de uma vida religiosa marcaram de forma decisiva, como em todas as cidades brasileiras do período colonial, a paisagem de Santos. As capelas, outeiros, mosteiros, conventos constituíam importantes marcos de referência urbana.

O ambiente de Santos era encharcado de religiosidade a um grau inimaginável para uma pessoa de nossos dias.

Benzer-se alguém à sua simples passagem diante de uma igreja ou estátua de santo era quase uma unanimidade. Às vezes, num simples trajeto da casa ao emprego, a pessoa benzia-se duas ou três vezes. Benziam-se homens e mulheres e crianças também. Benziam-se também ao meio-dia, com o tocar estridente da sirene de A Tribuna.

A figura do padre dominou até a década de 40. Palavra de padre era palavra final. Ter filho padre era troféu valioso que se mostrava com orgulho: era a época das batinas.

Missa tinha de ser matinal, em latim, com cantos gregorianos e coral afinado. Missa era obra de arte, coisa altamente estética. Por essa época, rememora Salasar, as rezas tinham um grande apelo, eram a continuação das missas e eram sempre noturnas.

Mas as realidades do Embaré e do Macuco eram diferentes. A falta de um grande pregador sacro em suas igrejas, como havia no Valongo, minimizava as missas a uma simples sensação de dever cumprido. Mas, naquela vastidão territorial avultava um fenômeno singular: as procissões. Alguém, em determinada família, pegava uma imagem de santa e saía com ela pelas ruas do bairro com a intenção de rezar um terço em casa de outra família, mas pelo caminho aquele grupo inicial ia aumentando e a cantoria começava a avultar, trazendo gente às portas e janelas. Cantava-se A Senhora Aparecida, mas ao contrário das vibrações dos hinos da Igreja do Valongo, que levava as pessoas ao êxtase, aqueles eram dolentes e enchiam as noites santistas de uma forte tristeza. Eram cantos que lembravam os fados com aquela tristeza dos mouros vagando pela Península Ibérica, divaga nosso autor ao ter essas lembranças.

Nas redondezas da Igreja do Embaré, no início da década de 40, nas tardes de domingo, os garotos formavam filas quilométricas ali na Rua Padre Visconti, junto à porta da igreja. Havia um grande tambor de balas glicosadas e muito coloridas. Cada garoto que entrasse tinha direito a um punhado dessas balas. Era um modo bem persuasivo que os padres usavam para esvaziar as ruas e encher as igrejas.



13: Igreja do Embaré - 1940.

Outra característica dessa época eram as benzedadeiras, mulheres estranhas e notáveis, segundo as lembranças de Salasar. Na década de 40, pouca gente ia ao médico e pouco se ouvia falar deles. Era bem comum alguém chegar à idade de 20 ou 30 anos sem ter jamais consultado médico. Doenças leves eram tratadas todas por ervas caseiras, mas doença grave que chá não curava era levada à benzedeira. Geralmente vestida de preto, pedia bacia de água quente, exalando vapor e o membro lesionado era colocado no centro do calor. Então a benzedeira puxava um

novelo de linha e com uma agulha ia “costurando a dor”, como ela dizia. A agulha ia e vinha dentro daquele novelo de linha durante muito tempo, junto com uma ladainha monótona e interminável, que parecia hipnotizar.

Aquelas rezas não falhavam nunca, as doenças iam embora.

Na Santos desses tempos, mulher só falava dos filhos, da cozinha, de Deus e da Virgem Maria, aparecendo às vezes o diabo como contrapeso, como lembra Salazar. O diabo, sem certamente o desejar, dava um certo sabor às suas vidas.

Tudo era condicionado à religião, e se uma cadeira caísse era porque assim Deus tinha determinado. Era como se Deus precisasse desse contínuo processo de louvação para sobreviver. “Nós, os garotos da época, tínhamos mais medo de Deus do que do diabo[...]. O sinal da cruz era uma espécie de antibiótico da época.” (MARQUES, 2001, p.39).

5.2 - LAZER

Lanna (1996), conta que, em Santos, o cinema, desde o início do século, fascinava a cidade, provocando um movimento até horas avançadas da noite. Santos era, então, no início do século XX, uma cidade que, embora apresentasse um aspecto antiquado, na sua psicologia urbana, possuía, entretanto, uma população que não desdenhava os divertimentos. Santos virara roteiro de companhia de teatro, operetas e as casas particulares iam ganhando maior conforto interno.

A cidade estava se transformando em um lugar progressista e moderno.

Era, enfim, uma cidade civilizada, com hotéis e restaurantes onde ninguém mais

era censurado por ir a esses lugares. Eram estes os símbolos procurados e identificados na caracterização da nova vida urbana e da modernidade almejada.

Para essa autora, as intervenções urbanas, de caráter higienista, criaram o embelezamento, criou novos espaços urbanos mais segmentados socialmente, espaços abertos, avenidas, jardins e praças para a circulação do ar e disciplinarização e organização de usos. Uma cidade para o progresso.

Descobriram-se novos lazeres, o gosto pelo *footing*, a emergência de um prazer à beira – mar e a invenção da praia.

Segundo as memórias de Salasar, nos fins da década de 30 até meados da década de 50, aconteceu um fenômeno interessante em Santos. Foi a fixação e a prevalência do centro de lazer de uns locais sobre outros. Esses centros de lazer eram as praças públicas: a Praça Mauá, a dos Andradas e a Rui Barbosa. As pessoas andavam por elas nas noites quentes de verão, quando ficar em casa e dormir cedo era um tormento, assemelhando-se ao que se vê nas cidades do interior. Os rapazes vestiam ternos de linho branco, tinham os cabelos lustrosos de brilhantina.

A Praça dos Andradas predominava. No começo do século XX, esta praça era um grande parque, com um imenso jardim, com frondosas árvores, cascatas e bancos para descansar. Este jardim estava circundado por um gradil de ferro que posteriormente foi retirado e hoje cerca a Escola Estadual “Cesário Bastos”.

Arborizada e bem cuidada, retinha os raios solares durante o dia, preservando o frescor noturno. Frequentada pelas pessoas do Bairro Chinês e vicentinos deslumbrados que vinham no bonde 1. Isso acontecia por causa do

Cine Teatro Guarany. Nenhum cinema de Santos concorreu com ele em popularidade.

Esta praça chamava-se antigamente de Praça do Andrada, em homenagem a José Bonifácio de Andrada e Silva. Depois foi ampliado para Praça dos Andradas. Teve muitos nomes: Largo ou Pátio da Cadeia Nova, em substituição ao de Campo de São Jerônimo e Campo da Chácara, em 1822, porque lá se situava a chácara de Antônio José Viana.

Merece atenção a atmosfera cultural em Santos nos anos da grande transformação, como relata Gonçalves (1995). O teatro Guarany, inaugurado em 10 de dezembro de 1882, pelo vereador Francisco Emílio de Sá, foi palco não só de grandes espetáculos artísticos: Sarah Bernhardt lá interpretou Margherite Gautier em *A Dama das Camélias*, em 1886, como de diversos comícios e reuniões políticas importantes, especialmente nas campanhas abolicionista e republicana, e de festivais promovidos por sociedades beneficentes e mutualistas.

Salasar conta que, entre 1870 e 80, Santos passou pelo período de sua maior efervescência econômica com a implantação do complexo ferroviário da São Paulo Railway, obra extraordinária da engenharia inglesa. Os trens trouxeram a Santos a súbita prosperidade da cafeicultura paulista, transformando aqueles mangues empestados num ativo empório comercial. E a prosperidade trouxe inquietação. E uma dessas inquietações foi de ordem cultural. Santos precisava de um teatro para as suas artes cênicas e em 1882 lá surgia ele, o imponente Teatro Guarany.

Com complexa estrutura arquitetônica, recheada de brocados e de figuras em alto-relevo; murais de Benedicto Calixto nas paredes; frisas e camarotes que se superpunham e se alongavam em semicírculos graciosos e rebuscados, o

teatro Guarany colocou Santos na rota dos grandes eventos cênicos do mundo, ao lado de São Paulo, Rio de Janeiro e de Buenos Aires.

Porém, nas últimas andanças de Salasar pelo Centro de Santos, este importante local para a nossa história estava em ruínas: o Teatro Guarany era um prédio sem teto, cercado por tapumes e com o passeio isolado, pois as paredes ameaçavam desabar, com grandes plantas saindo pelas janelas. Abandonado após um incêndio, já quiseram a sua demolição, mas foi tombado historicamente e hoje está sendo restaurado. Projetos e patrocinadores já estão à disposição.



14: Teatro Guarany.

Com a Via Anchieta já consolidada na década de 40, Salasar lembra que a Praça Rui Barbosa predominava e isso durou até o início da década de 50. Paulistanos vinham para a vida noturna da cidade de Santos, pois havia um conjunto de fatores que os atraíam como: o Rádio-bar, lançando música na praça,

o Café Caravelas, o Bilhar Aristocrata, o Termômetro Esportivo do Paisano, e, em função disso, o Cine Paramount desbancou o Cine Guarany.

O Santos Futebol Clube após o título de 35 e as suas vitórias traziam grupos de torcedores que ficavam à noite diante do Termômetro Esportivo.

Ser boêmio, naquela época, era chegar em casa de madrugada e dizer aos amigos na escola e no trabalho que havia passado a noite jogando sinuca no Aristocrata depois de ter assistido a um filme no cine Paramount, isto dava *status* ao jovem.

Por essa época, o Gonzaga não era centro de lazer. A Praça da Independência era lugar de passagem, uma praça escura, feia e sem atrativos. Nessa orla, os cassinos imperavam, mas formavam um círculo restrito e fechado de figurões que chegavam de São Paulo em limousines. Para entrar, todos tinham que provar à entrada em que ramo de atividade trabalhavam e se fossem bancários ou contadores não tinham acesso à jogatina.

Já a Praça Mauá, como recorda Salasar, brilhava durante o dia. Nunca foi praça de notívagos, seus caminhantes noturnos eram apressados e de passagem.



15: Praça da Independência (1952)**16: Praça Mauá (1939)**

Outro tipo de lazer ficava também no Centro Velho.

O mistério envolvia a Rua Xavier da Silveira, seu nome era maldito no seio das famílias de Santos. A rua pequena era morada de prostitutas, Damas da Noite ou mariposas, como eram chamadas. E nessa pequena faixa de cais que começava no prédio da Alfândega e terminava na Rua João Otávio concentrou-se, por algumas décadas, a fortaleza maior da prostituição santista. “Foi talvez o primeiro grande golpe que abalou e fez tremer aquelas famílias portuguesas estruturadas ao redor do terço e das missas.” (MARQUES, 1995, p.71).

Para criança, o que dava prazer era ser levado pelo pai ao Cassino Miramar, no final da Avenida Conselheiro Nébias, aos jardins do Parque Balneário, na Avenida Ana Costa, e depois postar-se em êxtase diante da fonte luminosa do Gonzaga. Pegar o bondinho do Monte Serrat era viagem que criança não esquecia; ir ao campo da Portuguesa Santista, aos domingos; atravessar a Ponte Pênsil que fazia sacolejar aquelas tábuas da ponte dava medo e prazer,

porque se pensava, naquela época, que o mar não tinha fundo. Mas a maior façanha para a criança da década de 30 e 40 era ver-se dentro de um trem da Inglesa a caminho de São Paulo.

Viajar uma família inteira até São Paulo era epopéia igual ao que seria hoje uma viagem à Europa ou aos Estados Unidos. Os preparativos começavam uma semana antes e os vizinhos eram postos a par do grande evento. Os garotos estufavam o peito. Um dia antes já se preparava a comida para a longa viagem. Frangos assados, farofa, salada, pão doce e azeitonas eram devidamente dispostos em travessas. Havia pratos e talheres, guardanapos e toalhas de linho branco para aquele banquete que seria feito no trem tão logo acabasse a serra – a posição inclinada dos vagões prejudicava a estabilidade da comida nos pratos. (MARQUES, 1995, p.80).

Na década de 40, com a euforia que a riqueza do café trazia a Santos, lembra Salasar que muita gente desdenhava o turismo e abominava o turista.

Foi Antônio Feliciano⁸ que teve a genial premonição de que o futuro de Santos estava no turismo e ampliou as avenidas da praia, “criou” a Praça da Independência, revestiu os canais e, ao longo de seu percurso, plantou floreiras, que mais tarde morreram por causa do abandono.

Santos, já na década de 40, como vimos nos escritos de Gonçalves (1995), possui intensa vida cultural-recreativa, com trinta e três bibliotecas, sete estações de rádio, inúmeros clubes sociais e esportivos, vinte e dois cinemas e dois cine teatros.

⁸ Prefeito de Santos de 1953 a 1957, além de ter sido vereador, deputado e membro do Conselho Administrativo do Estado de São Paulo.

6 - AS PESSOAS

Gonçalves (1995) relata que a população cresceu vertiginosamente, resultado do fluxo imigratório, do avanço do porto e do saneamento da cidade. Mostra os números: em 1872, Santos tinha 9151 habitantes. Em menos de trinta anos atingiu, na virada do século, 50 389 pessoas, chegando a 88 967 pessoas no censo municipal de 1913.

No período de 1890 a 1910, a população cresceu 584%. O novo cais do porto foi inaugurado, a ocupação urbana se expandiu com a criação de novos bairros na direção leste, os antigos e terríveis cortiços foram demolidos, canais de drenagem e a rede de esgoto foram construídos. As taxas de mortalidade geral que chegaram a mais de 1000 óbitos anuais nos anos epidêmicos baixaram a valores de 20 por 1000. Em apenas vinte anos, graças ao café, Santos transformou-se no segundo maior porto do país e viu nascer uma cidade contrastada entre o suor, o barulho, a pobreza e as novas construções da *Belle Époque*, como os canais, as avenidas e a separação dos espaços de sociabilidade das camadas abastadas em relação aos bairros e à presença operária.

Com relação aos imigrantes portugueses, segundo Frutuoso (1989), esses não passavam de pessoas humildes e os analfabetos compunham a grande maioria, o que significava, portanto, despreparo, sujeição a qualquer tipo de serviço pesado e mal pago. Relata que em 1914 a população santista era de 88 697 habitantes, sendo que 23 000 eram portugueses que mantinham o primeiro lugar entre os imigrantes.

Mas o olhar de Salasar com relação aos imigrantes portugueses está focado no Bairro Chinês, onde a virilidade era a marca registrada. Aquele chão áspero e duro afeiçoara-se ao caminhar lusitano, aqueles bravos filhos dos mouros e dos visigodos, peitos peludos e corações generosos.

No Macuco, essa virilidade continuava através da figura dos “valentões”. Não chegavam a ser marginais, não eram *gangsters*, nem pertenciam a grupos de mafiosos. Não tinham interesses maiores e nem escusos: só queriam ser respeitados, impor medo. Seu habitat natural era a temida Bacia do Macuco, mas depois da década de 30, com a prosperidade das terras vizinhas, eles foram se achegando. Tinham um código de honra, facilmente discernível atrás de sua conduta: não molestavam crianças, nem mulheres, nem velhos. Não havia notícias de que jamais tivessem roubado e o seu domínio era circunscrito a áreas determinadas. Mas aí daquele que desafiasse um valentão, que perturbasse o seu universo de conquista e poder contradizendo-o em público.

Eles ficavam nos bares: O Mar e a Terra, na zona portuária; o São Francisco, na Avenida Pedro Lessa. Ali eles reinavam; às vezes dois valentões se pegavam e o Macuco tremia. Quando isso acontecia, as pessoas assistiam em círculo aberto até a morte de um deles.

O vencedor não fugia, ficava ali conversando até que a polícia aparecesse, querendo prolongar por mais tempo o desfrute da vitória e se entregava pacificamente sem protestos nem nada.

O mais famoso dos valentões do Macuco foi o Navalhada. O seu nome passou a ser uma lenda viva e ele realmente assustava, lembra Salasar.

A década de 50 pôs fim a essa era dos valentões que faziam as noites do Macuco perigosas e excitantes.

Lanna (1996) conta que a rua era um lugar onde aconteciam muitos encontros e conflitos e que, ao longo dos anos, a cidade cresceu e apareceram novas ruas e endereços, mas os trabalhadores ainda se apropriavam delas como continuidade dos chamados espaços privados.

Outro grupo de pessoas que chamou a atenção de nosso autor foram os japoneses. Eles moravam em chácaras onde hoje é o Bairro da Ponta da Praia, fizeram o que parecia impossível: tornaram fértil uma área que para muitos era só areia. Plantavam verduras e legumes que depois vendiam na cidade. Estes desapareceram do Macuco durante a Segunda Guerra Mundial.

Caminhões sombrios, cobertos de lona, deslizavam discretamente na calada da noite e expeliam, de seu bojo, soldados do exército fortemente armados. As famílias japonesas foram enfiadas nesses caminhões só com a roupa do corpo e nunca mais foram vistas em Santos.

Esses japoneses foram levados para o interior, por serem inimigos dos “aliados”⁹. Santos, com o maior porto do país poderia ser invadido, com ajuda dos japoneses, pelos inimigos.

Aquele que hoje se detenha a pensar sobre a guerra de 1939 e os seus efeitos, dificilmente terá uma idéia sequer aproximada da neurose que se abateu sobre Santos, e, evidentemente, outras cidades costeiras brasileiras; mas Santos, por ser o sistema nervoso central da economia do país, sofreu mais. Víamo-nos cercados por invasões iminentes dos alemães e quando íamos à praia os olhos automaticamente corriam o mar à procura de periscópios de submarinos. [...] O *blackout* permanente a que fomos submetidos teve efeitos psicológicos devastadores... Vidro de porta e janela pintado de preto... Bonde que circulasse pela praia tinha a luz amortecida e as corredeiras de lona verde descidas... As histórias corriam com a rapidez do vento. Algumas eram fantásticas, mas as pessoas acreditavam... (MARQUES, 1995, p. 25-26).

⁹ Informação obtida em conversa informal com a professora Wilma Therezinha Andrade, a grande historiadora de Santos.

Além deste episódio ruim, outro, conseqüente deste, chocou Salasar: as cenas de vandalismo com o início dos saques.

Saqueadores vinham por trilhas de dentro dos capinzais e pareciam “formiguinhas obreiras”. Eram homens, mulheres, crianças e até velhinhos e velhinhas, todos trazendo às costas os produtos roubados das casas dos japoneses, deixadas vazias e sem guarda à porta. Centenas deles iam e vinham carregando, a princípio, móveis, rádios, vassouras, roupas, galinhas, porcos e até cachorros, e, mais tarde, o próprio produto das chácaras: machuchus, batatas e abóboras, tudo arrancado do solo. Eles desciam a Avenida Senador Dantas, carregando pencas de batatas com as raízes à mostra e, em longas filas, exibiam com orgulho o que carregavam.

Fruto de uma educação disciplinada, eu não podia compreender uma coisa daquelas e a devida avaliação desse fato eu só faria mais tarde. A teoria de Rousseau sobre a bondade inata do homem e da força deletéria da civilização, sofreu ali um golpe mortal. E, então, fui me convencendo de que o homem é um ser basicamente mau e que só a civilização e a escola o humanizam e o despojam de suas origens animais latentes, mas sempre prontas a aflorar à superfície. (MARQUES, 1995, p.26).

O homem português era um livro aberto. Não havia português que não se dissesse católico, que não comesse bacalhau e não gostasse de mulata. Mas, português não assumia mulata. Esta aventura africana despertou no português o elemento lascivo e foi este estado de permanente lascívia que tornou possível a miscigenação brasileira, fazendo nascer aqui a grande civilização mestiça dos trópicos. “Foi essa lasciva obsessão pela negra e pela índia que evitou que o Brasil fosse hoje uma outra odiosa África do Sul, ou um país aborrecido e racista como o são os Estados Unidos.” (MARQUES, 1995, p.30).

7 - A LINGUAGEM EM SANTOS.

Lembra Salasar que até boa parte da década de 40 o falar santista ainda era fortemente vincado por expressões lusitanas como: *malga* (tigela), *bugalho* (pedaço de galho), *sachola* (enxada), *aldraba* (tranca de porta), *aldrabão* (trapaceiro), *andar a eito* (ir em linha reta), *tu comigo não mangas* (não tiras vantagem), *assanhada* (mulher que não podia ver homem), *santo de pau oco* (hipócrita), *um garnizé* (um garoto), *rapariga* (moça), *mulher falada* (que olhava para homem) eram palavras e expressões de uso corrente.

A linguagem era pouco plástica e a possibilidade de se criar expressões novas era coisa fora de cogitação. As falas de casa e das ruas eram corretas, porque elas seguiam dois padrões. Um desses padrões era a correta tradição portuguesa no falar, com os pronomes usados no lugar certo.

O outro padrão eram as novelas radiofônicas da PRG5 e da PRB4. Fala nosso autor que a concepção de arte e de expressão naquela época se distanciava bastante da usada hoje em nossa televisão.

As variações entre linguagem infantil, juvenil e adulta eram pequenas. Havia uma unidade lingüística vinda do bojo dos séculos passados e que padronizava a todos. Santos era mera extensão de Portugal e de sua gente, afirma Salasar.

Mas no início da década de 40, aconteceu algo de novo no campo da linguagem: a aparição triunfal de Jorge Veiga, o malandro genial do samba. A

sua fala desabrida e pitoresca trouxe realidades novas, falar começou a se tornar um ato de prazer.

Jorge Veiga foi fenômeno brasileiro no campo da linguagem, porque abriu a porta de novas maneiras de expressão oral, uma nova expressão popular. Criou modismos e ajudou a pulverizar o bloco lingüístico monolítico imposto ao Brasil pela prevalência da cultura portuguesa. Expressões novas foram introduzidas ao dia-a-dia do povo e nas ruas era comum ouvir-se um novo tipo de fala.

Já a realidade em São Paulo era diferente, recorda Salasar, pois os portugueses paulistanos se deixaram assimilar pelos italianos.

Santista em São Paulo passava por trauma lingüístico, porque muita coisa que eles diziam, os santistas não entendiam. Santista em São Paulo era *capiau* (caipira), uma espécie de bicho do mato. Eles se divertiam com o sotaque dos santistas, marcadamente lusitano, embora eles também fossem de origem lusitana.

Faziam gozação quando os santistas arrastavam nos *ss* finais das palavras e com o tratamento de *tu*, riam com o alongamento exagerado da vogal. Paulistano nunca usava *tu*, diziam *você*, e isso, naquela época, lhes parecia dar uma certa superioridade sobre os santistas.

Essa característica lingüística, tipicamente santista, Santos é a única cidade do estado de São Paulo a usar o *tu*, não é ensinada em nossas escolas, justamente porque a maioria dos professores desconhece as raízes de nossa região, salienta Salasar.

Quando Salasar voltava de São Paulo, onde ia fazer seu tratamento, e se punha a propagar pela casa o vocabulário e expressões aprendidas, “choviam bofetões por todos os lados” (SALASAR, 2000, p.55). Isso acontecia porque

Santos, a última fortaleza do puritanismo lusitano, não gostava de inovações lingüísticas. E criança santista tinha que ter a boca bem policiada. O vocabulário santista de xingamentos era bem pequeno e a pouca quantidade de palavras ofensivas quase que forçava garoto a ser educado e ter boca limpa.

Salasar, no primeiro volume de *Imagens de Um Mundo Submerso*, faz um levantamento de falas, provérbios e ditos comuns da década de 40, falas que eram repetidas pela boca do povo com constância e, através desse levantamento, procura a essência daquela longínqua Santos:

Padre está sempre certo, menino está sempre errado / Quem ama o feio, bonito lhe parece / Laranja de manhã é ouro, à tarde é prata e à noite mata / Quem nunca comeu melado quando come se lambuza / Gato escaldado de água tem medo / é de pequeno que se torce o pepino / Quem poupa a vara de marmelo estraga a criança / Nunca se rebelar contra Deus: a desgraça é uma bênção porque o sofrimento purifica / Este mundo é um vale de lágrimas / quem canta música de Carnaval na Semana Santa vai torrar no inferno / é pecado menino olhar para perna de mulher com olho grande / Mar não tem fundo / em primeiro lugar a obrigação, depois a diversão / Nascemos para adorar a Deus / Não apontar nunca pras estrelas, isso dá verruga na ponta do nariz / Esta vida é uma longa viagem de trem e temos de estar preparados quando ele chegar ao seu destino / Os prazeres da carne são pecaminosos, eles são um passaporte seguro para o inferno / A religião católica é a única verdadeira, e ai daquele que não siga aos seus princípios / O que pai diz é cartilha para ser obedecida / Bíblia é livro de protestante, logo um católico não deve tê-la na mão / Quando o gato não está, os ratos dançam / Mulher nasceu para casar e ficar na cozinha fazendo a sopa para o marido / Cada um tem atrás de si um demônio exclusivo pronto a lhe estragar a vida / Menino que faz xixi na cama deve comer uma crista de galo assada / Perder missa dá inferno / Brincadeira entre homens cheira a cemitério / Quem hoje ri, amanhã chora. (MARQUES, 1995, p. 46).

CAPÍTULO III:

O EDUCADOR

1- A EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação varia conforme a sociedade, a cultura e o momento histórico que abrangem o processo e a ação educativa do momento. Nesse sentido é que se destaca a indissociabilidade entre a educação, a história e a filosofia, é o que diz Gonçalves (2005). Isso porque o homem é um ser histórico, ou seja, suas percepções, atitudes e ações mudam no tempo, de acordo com a realidade que o cerca. Assim, não podemos compreendê-lo fora de sua prática social, que decorre de um determinado contexto histórico concreto. O mesmo ocorre com a sociedade e as idéias que a permeiam, no que a educação tem um papel fundamental.

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões de comportamento, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém viva a memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência. Por isso dizemos que educação é uma instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade. (ARANHA, 1996, p.15).

A educação, como prática social, como enfatiza Gonçalves (2005), só pode ser compreendida a partir de seus fundamentos históricos e filosóficos, ou

seja, do contexto político, econômico, social e cultural que a envolvem em determinado momento.

A educação nunca é neutra nem apolítica, pois envolve interesses que extrapolam o âmbito escolar.

Na década de 1920, ocorreram importantes mudanças no país, tanto no aspecto econômico, como a intensificação das relações comerciais e financeiras do Brasil, quanto no aspecto cultural, em que o relacionamento com os Estados Unidos abriu as portas para a influência de novos comportamentos, favorecendo mesmo a chegada de idéias pedagógicas como a Escola Nova, com base em John Dewey. Foram adeptos dela, no país, educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Francisco Campos, por exemplo. (GONÇALVES, 2003, p. 1-2).

Segundo Gonçalves (2005), a década de 1920 foi marcada, no Brasil, por amplo debate a respeito da educação. Muitos dos intelectuais da Escola Nova exerceram cargos políticos, o que contribuiu para experiências que visavam a colocar em prática os ideais liberais propostos por eles, como as seguintes reformas nos sistemas de ensino: de Sampaio Dória, em São Paulo (1920); de Lourenço Filho, no Ceará (1923); de Anísio Teixeira, na Bahia (1925); de Francisco Campos e Mário Casassanta, em Minas Gerais (1927); e de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (1928).

Nesse contexto, é redigido, por Fernando de Azevedo, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Esse documento foi assinado por mais de vinte e cinco intelectuais, entre eles Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Sampaio Dória e Cecília Meireles. Nele estavam apresentados os princípios pelos quais a educação nacional deveria ser organizada, com urgência: defendiam a educação como caminho para a democracia; devia ter o currículo

voltado para os interesses naturais dos alunos; e os professores, em todos os níveis educacionais, deviam ter formação universitária.

No âmbito educacional, em 1946, a nova Constituição retoma alguns princípios defendidos pela Escola Nova e estabelece a necessidade de uma Lei de Diretrizes e Bases. Um anteprojeto é apresentado em 1948, e o debate transcorreria por treze anos, quando a Lei finalmente foi aprovada, 1961.

Com o golpe militar em 1964, tem início um período de vinte e um anos de limitação e até mesmo de exclusão do estado de direito. No campo educacional, o ensino era visto como instrumentalização para o trabalho, além de a educação ser concebida como instrumento de controle ideológico, em especial a partir da doutrina da Segurança Nacional, direcionadora de boa parte das ações governamentais.

Como educador, Nelson Salasar Marques, tinha uma visão muito crítica à respeito da escola, da má formação de professores e, conseqüentemente, do que se tornaram os alunos. Com sua opinião claramente declarada, não se importando com as críticas alheias, dizia o que pensava. Em *Novos Rumos da Educação Brasileira* (1987), Salasar confronta o pensamento da Escola Tradicional e o da Nova Escola no Brasil, da qual era seguidor.

Para ele, a Escola Tradicional foi, e continua sendo, pois ainda existe na realidade, uma escola deformadora. Com o passar do tempo, com o progresso, muitas coisas evoluíram, outras foram inventadas, mas a educação, em nosso país, estagnou.

As nossas escolas, de um modo geral, fornecem hoje aos nossos alunos o mesmo ensino que as escolas de há mais de trinta anos atrás, mas como é um ensino imobilizado por mais de três décadas de cristalização progressiva tentando atuar numa sociedade dinâmica, é evidente que o resultado foi para pior. (MARQUES, 1987, p.67).

Os professores tradicionalistas, para ele, continuam agindo como há muito tempo atrás, ao invés de fazer com que os alunos busquem as respostas por si só, dão a eles as respostas prontas, usando o mesmo material que se usava antigamente: lousa, giz e sua oratória. Sendo que essas respostas prontas devem ser decoradas e devolvidas nas provas para a sua aprovação ou desaprovação. Se elas forem iguais às do professor, esse e seu superior – diretor ou dono da escola – ficarão felizes.

O aluno desmotivado recebe passiva e desinteressadamente grande massa de informações já prontas e muito acima de seu poder de absorção, deglute-as, sem digeri-las, e depois vomita tudo nas folhas das provas e dos exames, e tanto maior será a sua nota quanto mais essas informações se aproximarem das fornecidas pelo professor, ou seja, quanto mais a matéria expelida estiver intacta, não degradada pelas enzimas do aluno. (MARQUES, 1987, p. 68).

Critica esse tipo de educação por não conduzir nem se integrar ao processo de criação. Trazendo um conceito errado do que seja educar, deformando o educando. E esse processo deformador se instalou nas escolas brasileiras até hoje e, para espanto de Salazar, parece que ninguém percebeu isso.

Penso nos garotos rechonchudos e bobocas de nossos dias, que recebem já pronto tudo o que o dinheiro e a tecnologia podem oferecer. Apassivados e empobrecidos por uma exposição demorada diante de uma televisão embrutecedora, calcada na exibição de sexo explícito e na violência a mais cruel possível, encurvados horas e horas diante de um computador, da Internet, incorporando a eles próprios o chamado lixo virtual, incapazes de darem início a um processo de criação que leve a algo relevante no campo da auto-afirmação, sinto pena danada dessa garotada. [...] Quanto mal faz esse ensino castrador ministrado pelas “tias” nessas escolas enfadonhas. Elas transformam um garoto promissor num boboca, dependente e sem imaginação. Lembro-me do dia em que lecionei uma quinta série, turma recém-saída da quarta sob a regência de uma “titia”. Levei um choque. Garotos e garotas na faixa de onze ou doze anos, sem a mínima noção de auto-afirmação que certamente lhes fora tirada através de um modelo de submissão total ao professor, de dependência total do professor. [...] A escola lhes havia tirado toda a capacidade de decisão, de iniciativa, de auto-afirmação. (MARQUES, 2000, p.40).

Esse modelo de educação imitou o modelo francês, onde o professor está no centro, é a imagem da sabedoria única, um ser incontestável. “A cultura francesa sempre nos deslumbrou com a sua opulência [...], fomos sendo vitimados por ela até cairmos num processo macaqueador de imitação.” (MARQUES, 1987, p.68).

Em vários aspectos, além da educação, o Brasil do início do século XX imitou a França, como lembra Salazar: as roupas quentes, mesmo no calor de 38 graus do Rio de Janeiro; a euforia dos parnasianos, com sua concepção pomposa e verbalista da arte; o amor à carreira de bacharel, ao anel de formatura, ao título de doutor; o desprezo ao trabalho manual. E assim formaram-se os educadores brasileiros.

Segundo Gonçalves (2005), a década de 1930 foi marcada pela criação e organização das universidades no país. Embora já houvesse algumas, resultantes da reunião de faculdades isoladas, procura-se estabelecer uma nova orientação, mais voltada para a autonomia didática e administrativa e com ênfase na pesquisa e na difusão da cultura. Pode-se dizer que a Universidade de São Paulo (1934) é a primeira que surge no país, nesses moldes.

E para Salazar, o golpe mortal foi dado com a criação dessa universidade (Universidade de São Paulo), pelo que ela trouxe de fortalecimento do modelo francês e de escravização de nossos professores a um “teoricismo sufocante e estéril” que culminou com os modelos e teorias ensinadas até hoje nos cursos de Letras, teorias muito absurdas para um meio como o nosso. Para um meio que, como ele diz, vai consolidar sua formação filosófica, ética e moral nas novelas da Rede Globo, sem a tradição de grandes leituras.

Esta denúncia não é nova. Osman Lins, lembra Salasar, já o fizera pouco antes de morrer, em memorável entrevista publicada no Jornal da Tarde onde disse: “A USP está fabricando medíocres pomposos”.

O modelo francês foi imposto a uma sociedade patriarcal forte que não admitia contestações, por isso funcionava aparentemente bem dentro dessa sociedade mais ou menos imobilizada, mas começou a apresentar conturbações a partir da década de 50, quando a televisão entrou nos lares brasileiros com propostas novas e mais atraentes, e piorou com a revolução de 64, que começou a manipular a educação com fins políticos para atingir certos números estatísticos que pudessem atestar a excelência do regime, argumenta nosso autor.

A partir daí, as propostas francesas começaram a não se encaixar no cotidiano brasileiro.

O cinema se readaptou à nova ordem e sobreviveu; as publicações, principalmente as revistas, fizeram o mesmo. Só a escola ignorou os novos tempos e teimosamente continuou nos velhos padrões e este foi o princípio da decadência na educação brasileira.

Na opinião de Salasar, a escola brasileira atual, seguidora do tradicionalismo, exerce a função de mera ponte que, através do professor, “entope” o aluno por um penoso processo de transferência.

Os alunos, postos diante de barreiras que os ameaçam, desenvolvem meios de auto-defesa: essa barreira são as notas e os vestibulares e a auto-defesa é a memorização, que, segundo Salasar, é desenfreada, inconstante e devastadora.

Conforme sua ideologia, o perigo maior é que esse produto final agrada aos olhos e, por isso, retarda as mudanças: escapa à compreensão dos pais; a escola acomoda-se por faturar em cima de uma situação estável e seguir a filosofia

capitalista do lucro. A própria escola é a maior opositora dessas mudanças e a maioria dos diretores vê com desconfiança professores inovadores.

Já a Escola Nova baseia-se em princípios bem simples e tão velhos quanto o Empirismo de Locke e o Pragmatismo de William James, lembra Salasar, e a sua filosofia é a de que se aprende a fazer, fazendo, e não apenas ouvindo.

Uma das idéias fundamentais da Escola Nova é a educação ocorrer por meio da ação, que já vinha sendo discutida desde Rousseau, mas “foi só no início do século XX que tomou forma concreta e teve conseqüências importantes sobre os sistemas educacionais e a mentalidade dos professores.” (GADOTTI, 2002, p. 142).

De acordo com Gonçalves (2005), foi o trabalho de John Dewey (1859 – 1952) que influenciou fortemente o movimento da Escola Nova no Brasil e educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros. Ele defendia que a aprendizagem dava-se pela ação, e não pela instrução (criticando a Pedagogia Tradicional, baseada nos princípios de Herbart).

Lendo as obras de Salasar, observa-se que ele segue o pensamento da Escola Nova e se apóia em vários princípios por ela colocada como: aprender fazendo; com iniciativa, originalidade e cooperação; educação como processo; aluno como centro; uso abundante de material didático, concreto.

Na Escola Tradicional, o aluno é parte passiva na elaboração da aula, percebe que está sendo inundado por toneladas de informações de segunda-mão, se desmotiva e cai, então, ou na bagunça ou numa postura de passividade extrema, únicas formas de protesto de que esses alunos dispõem numa sala de aula, reflete Salasar.

Na Escola Tradicional, criticada por Salasar, o ambiente físico é austero e cerimonioso, a disciplina é rígida. Tem como função preparar intelectual e moralmente o aluno, por meio de transmissão do conhecimento. O professor é o centro do processo, que é baseado em sua autoridade. Utiliza da disciplina, da atenção e do silêncio. Transmite o conteúdo pronto e acabado para os alunos, constituindo-se o dono da verdade. O aluno é passivo e receptivo, deve obedecer sem questionar. Precisa assimilar os conteúdos apresentados. A metodologia é expositiva; repetição e memorização dos conteúdos. As matérias são tratadas de forma desvinculada das demais disciplinas. Os conteúdos são separados da realidade do aluno; cumulativos; enciclopédicos. A avaliação é seletiva, verifica a reprodução do conhecimento por meio de exercícios, chamadas orais e provas escritas, em geral únicas e bimestrais. Busca respostas prontas, o que impede a reflexão, o questionamento e a crítica dos alunos.

Apesar de ser chamada de tradicional, essa pedagogia, para Gonçalves (2005), ainda se faz presente nas escolas e até mesmo nas universidades do país. Ou seja, ainda não é um paradigma ultrapassado, embora existam várias tentativas e propostas para substituí-lo.

Diferentemente do pensamento da Escola Nova, onde o professor – instrutor treinado nesta filosofia – não incide nesses erros e a reversão do processo da engenharia de uma aula vem a seu favor. Os alunos, através de seus conhecimentos – reduzidos ou amplos, pouco importa – e a troca de opiniões, formulam a própria aula. Salasar coloca esse tipo de educação como a ideal, mas esse método apresenta seus defeitos, como se sabe: o ritmo de aprendizagem e de mudança de conteúdo é muito mais lento, a não ser que haja salas muito reduzidas em número de alunos e que todos estejam no mesmo nível de aprendizagem.

A Escola Nova, para nosso autor, despoja o professor de mestre incontestável e de condutor absoluto de todo o processo, e muda-lhe a posição geográfica dentro da sala de aula, transferindo-o para as laterais da classe onde, instruindo e monitorando, circula entre os alunos.

Um preceito da Escola Nova é que o instrutor está proibido de fornecer aos alunos as soluções prontas, as respostas finais.

Dar tudo pronto ao aluno, como se faz hoje, e cobrar toda aquela 'xaropada' *ipsis literis* é desgraçar todo o processo de aprendizagem, matar no aluno sua capacidade criativa, transformá-lo num robô, mutilá-lo, enfim." (MARQUES, 1987, p. 72).

Outra função vital da Escola Nova, para Salasar, é despertar no aluno sua auto-confiança e as forças represadas da intuição. Para ele, se os nossos professores, e, por conseguinte, as nossas escolas, persistirem na direção que estão, em muito pouco tempo estarão em perigo, pois um computador programado por um técnico bem treinado será mais eficiente do que a proposta de ensino que oferece a escola atual.

No processo de aprendizagem da Escola Nova, deve-se levar para dentro da sala de aula escritores, dramaturgos, jornalistas, repórteres, artistas em geral, a fim de integrar o aluno numa sociedade dinâmica, jogando-o em situações de debate e dúvida.

A Escola Nova, para Gonçalves (2005), busca propor uma nova forma de ensinar, mais coerente com as necessidades dos dias atuais, uma vez que o ensino intelectualista e livresco da escola tradicional não é suficiente ou adequado para a formação do homem na sociedade atual, que é dinâmica.

O fracasso da reestruturação do ensino de 1º grau que a Lei 5 692 de 1971 pretendeu implantar em São Paulo, com base nos preceitos da Escola Nova, deveu-se, na opinião de nosso autor, a enfoques errôneos e distorcidos daquilo que se pretendia mudar. A educação brasileira, àquela altura, havia sido invadida por políticos e militares deslocados de suas áreas e lotados em cargos para os quais revelaram notório despreparo.

Na reestruturação de 1971, em *Os Guias Curriculares*, já se percebia a falta de sintonia com a realidade brasileira, lembra Salasar, na medida em que esse projeto escorava seu trabalho em autores como Brünner, Dewey, Morrison e Decroly, omitindo o que tinham a dizer sobre o assunto os nossos educadores, os únicos em condições de entender a nossa realidade, “algumas Suíças cercadas por milhares de Etiópias por todos os lados, onde impera a subnutrição e o analfabetismo” (MARQUES, 1987, p.74).

Para Salasar, não é possível transplantar e aplicar teorias construídas para realidades culturalmente opulentas em alunos que mal conseguem ler histórias em quadrinhos.

O ensino brasileiro, reflete ele, por ter caído num estado de cristalização, conveniente para muita gente, vem se mantendo à margem de grandes conquistas e inovações no campo da didática. Exemplifica dizendo que as novas técnicas de composição e redação, por exemplo, ainda não chegaram às escolas e a grande maioria dos professores sequer têm conhecimento delas.

Todos os sonhos em transformar o Brasil em potência maior morreram pela teimosia da cúpula militar governante em ignorar este fato histórico: o alicerce de qualquer nação repousa na educação, mas uma educação de verdade, e não de estatísticas. De que adianta termos sofisticada aparelhagem eletrônica, se os operadores sentados à sua frente usam os dedos para fazer contas de somar e de subtrair? (MARQUES, 1987, p.75).

Para Salasar, a famosa repetência, que tanto parece preocupar as autoridades de ensino, só assumiu as proporções atuais em função de um ensino inicial mal dado e deficiente. Um tipo de ensino que enjaula as crianças durante horas numa monótona sala para ouvir coisas monótonas que não querem ouvir.

Para ele, os garotos da década de 40 não corriam esses perigos, porque a escola não era formadora integral e absoluta de suas vidas. Era apenas uma pequena parte. O resto: os gibis, a paisagem selvagem e a necessidade faziam. Fabricavam seus próprios brinquedos, por exemplo, com tanto requinte que espantaria a quem os visse hoje.

Mas Salasar esquece-se de falar que nessa época a educação familiar era mais completa, as mães não trabalhavam fora e se dedicavam à educação e à criação dos filhos. As famílias, bem ou mal, eram mais estruturadas, separação era coisa rara. As crianças tinham um parâmetro dentro de casa e a escola apenas complementava.

Hoje, com a desestruturação das famílias e com o pouco tempo de dedicação dos pais, toda a responsabilidade da educação é jogada para a escola e esta não dá conta nem de ensinar o conteúdo nem tem poderes para introduzir no aluno aquela educação básica que deveria vir de casa.

Salasar critica a leviandade daqueles que falam sobre a educação em nossos dias. Adoram falar sobre a reforma do ensino. Políticos, a mídia, professores de plantão, o Jô Soares nos seus famosos *Talk Shows*, todos falam

sobre isso, porque, para ele, aspirar por um sistema idealizado é, no fundo, não querer mudar nada, pois toda a mudança é penosa e poucos a desejam.

Fala-se sobre a escassez de verbas, como se a decadência do ensino brasileiro se devesse, fundamentalmente, às poucas verbas. Para Salasar, falta-lhes profundidade para fazerem um diagnóstico correto e, sem um diagnóstico correto, o remédio será sempre ineficaz e perigoso. Esta leviandade brasileira de abordar assuntos sem o devido conhecimento do que se está falando, cria no homem sério e responsável um desconforto mortal e impede um correto diagnóstico dos problemas em discussão.

Esta leviandade de conceitos vai muito mais longe e atinge mesmo as chamadas elites pensantes deste país, que ultimamente andam lendo muito pouco e pensando menos ainda [...] ganhar dinheiro passou a ser a finalidade maior. Mas pelo menos que evitem dizer barbaridades como, por exemplo, falar no nosso espírito latino, que somos um país latino e em função disso um governo sério aqui se torna muito difícil. O primeiro a chamar a nossa atenção para esta aberração foi o genial Gilberto Amado, que poucos brasileiros leram ou conhecem, mas que ainda hoje é fonte obrigatória de consulta em Direito Internacional nas Cortes de Genebra. (MARQUES, 2000, p. 69).

Salasar sempre acreditou, e tornou realidade em sua vida, na ascensão através da educação. Criticava, por exemplo, os jovens que se queixavam da vida, da falta de oportunidades e lembra que em anos longínquos as pessoas nasciam marcadas com o seu lugar no mundo, mas que em nossos dias as oportunidades são muitas.

Jovem já encontra as portas escancaradas para a sua ascensão na vida desde que programe com inteligência e discernimento, porque para ele, através de um estudo sério e das grandes universidades públicas, qualquer jovem poderia chegar onde quisesse. Recorda que antigamente jovem pobre estava

perdido, ficava nesta situação de pobreza para o resto da vida e a sua única saída era estabelecer-se no comércio.

Apesar de acreditar na educação, Salasar sabe que a escola brasileira degenerou e com isso deixou de ser fonte formadora do cidadão para ser um ônus do qual o Estado quer se livrar sem se comprometer do ponto de vista político. Nas escolas públicas, há apenas a preocupação governamental com a estatística, com o índice de aprovação, o que deixa esse aluno cada vez mais longe de uma faculdade pública, pois não há uma preocupação com a qualidade do ensino.

Salasar, seguindo os preceitos de Dewey, acreditava que a escola era instrumento ideal para o desenvolvimento da tecnologia e da vida democrática, promovendo a equalização, ou seja, chances iguais para todos, daí a origem do otimismo pedagógico.

Segundo Gonçalves (2005), uma das críticas a essa perspectiva é que a equalização proposta por ela é ilusória, na medida em que há escolas diferentes para públicos diferentes, ou seja, na prática, são poucas chances concretas de mobilidade para as classes operárias.

Aranha (2002) destaca alguns efeitos dessa corrente:

Contraditoriamente, o ideário da Escola Nova contribuiu para uma maior elitização do ensino, sobretudo no Brasil. Ao dar ênfase à qualidade e à exigência de escolas aparelhadas e professores altamente qualificados, colocou a escola pública em posição inferiorizada, pois é incapaz de introduzir as novidades didáticas. Tais desacertos dificultam a implantação da democracia porque o rebaixamento da qualidade da escola pública, destinada ao povo, concorre para o agravamento da marginalização do maior segmento da sociedade, tornando a educação mais elitizada. (P. 171)

Para Aranha (1996), desde o final do século XIV até a década de 1940, aumentaram as oportunidades de estudo. Daí decorreu a mobilidade e ascensão social, sobretudo para a classe média. Em dado momento, porém, o fôlego dessa possibilidade de ascensão dos diplomados diminuiu, mesmo nos países desenvolvidos, o que implicou na redução de salários. Apesar disso, continuou a ilusão de que a educação pudesse ser garantia de sucesso e mobilidade social. Para essa concepção de educação, como forma de democratização da sociedade, muito contribuiu o ideário da Escola Nova.

Sem terem uma visão global da filosofia educacional da nação, as escolas particulares, para Salazar, se instalaram para ganhar dinheiro, centrando os seus objetivos no preparo do aluno para os vestibulares. Não se pensa em se formar um cidadão. E aí, no seu ponto de vista, é que a Escola Brasileira vem falhando. Conseqüência: alunos vandalizam as escolas em que estudam, tudo quebra à sua volta, com a complacência das autoridades de ensino: “[...]ó, coitados, são fases, temos de compreendê-los, e se não quiserem estudar não tem importância, devemos aprová-los.” (MARQUES, 2000, p.99).

O importante não é educar para a vida ou formar um cidadão, nessa escola arcaica. O importante é não desagradar o aluno ou os seus pais, pois é dali que saem os votos para as eleições, critica Salazar, colocando-se como conhecedor do assunto, devido aos seus trinta anos de ensino em escola pública e, com certeza, com leitura de teóricos mais modernos.

Ó Brasil dos extremos, Brasil da escola militarizada da década de 40 e da escola baderneira da década de 80! Ó Brasil, por que não aprendes a conviver com o meio termo saudável e estabilizador, com a escola racional, disciplinada e responsável? Ainda há gente que acha que modernidade é bagunça, idéia muito aceita por países do Terceiro Mundo. (MARQUES, 1995, p.49).

Salasar reflete sobre a figura do professor que deixou de exercer sobre o aluno admiração e respeito. Para ele, essa desmoralização cruel do professor em sala de aula joga no chão o futuro do país. Lembra que até o início da década de 60 esse profundo sentimento ainda estava presente.

Na educação, destaca-se a tendência de orientação liberal e laica, ao menos nas discussões pedagógicas e filosóficas, mas nem sempre na prática. Apesar do ideal educação, são quase inexistentes na escolas públicas gratuitas, e as que há, sofrem sérios problemas quanto à qualidade, formação e salário dos professores e ao conteúdo ensinado, que é o tradicional. (GONÇALVES, 2005, p. 25).

Nosso autor, Nelson Salasar Marques, faz também uma crítica quanto à falta de criatividade dos alunos atuais, pois viu nascer o rádio e a televisão e diz que havia muito mais gozo, deleite a fruição nas novelas radiofônicas da década de 40 do que nas novelas televisivas de hoje. A imagem, para ele, matou a imaginação, esterilizou a curiosidade, não abrindo espaço ao espírito criador. E essa imagem onipotente e opressiva que, acreditava ele, vem imbecilizando as novas gerações.

Não concebo espetáculo mais deprimente do que uma criança postada horas e horas diante de um aparelho de televisão. Porque a imagem traz a fruição passiva e acaba adormecendo o espírito. [...] Uma das vantagens da geração de trinta e de quarenta é que elas tinham campo amplo para desenvolver o seu espírito criador. (MARQUES, 1995, p, 119).

Percebe-se também, através da obras de Salasar, que além da influência da pedagogia da Escola Nova, há a influência do pensamento pedagógico crítico, que é mais recente, da segunda metade do século XX, e que tem como

característica principal o questionamento dos rumos da educação, ou seja, do que está errado nela e na escola, já que o panorama mundial de violência, desigualdade e pobreza se acentua.

Autores importantes como Pierre Bourdieu, Henry Giroux e outros, como bem coloca Gonçalves (2005), falam dos princípios, preocupações e propostas do Pensamento pedagógico Crítico onde há a relação entre o sistema social e o sistema de ensino; a teoria da reprodução pela violência simbólica. A classe dominante impõe sua cultura por meio da escola; dessa forma, a ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente, por meio da autoridade pedagógica, da autoridade relativa da escola e da família.

Esta ideologia evidencia a importância da cultura para a compreensão das relações entre escola e sociedade.

Com a preocupação de evidenciar também o debate a respeito da educação, desenvolvido em uma realidade mais próxima da do Brasil, Gadotti (2002) propõe, assim como Salazar, um pensamento do Terceiro Mundo, ou seja, produzido em países da América Latina e da África. Um pensamento pedagógico mais prático e menos especulativo.

Um dos pensadores pedagógicos brasileiros, que inicia a pedagogia histórico-crítica é Dermeval Saviani, que defende que a atividade central da escola é a “transmissão dos instrumentos que permitam a todos a apropriação do saber elaborado socialmente.” (Apud ARANHA, 1996, p. 219). Nesta pedagogia, enfatiza-se que se não houver ênfase no aspecto educativo da escola, as diferenças sociais continuarão a ser reproduzidas.

2 - A EDUCAÇÃO EM SANTOS

Salasar fala de um fenômeno extraordinário para a Educação na década de 30: o surgimento das Histórias em Quadrinhos. O aparecimento do *Gibi Mensal*. Naquela elegante e colorida revista em quadrinhos nasceu a maior revolução em termos de comunicação.

A televisão, o computador, nada se compara em termos de convulsão e arrebatamento às aventuras em quadrinhos do tocha Humana, do Príncipe Submarino, do Cometa, do Capitão Marvel, do Abdul, do Super-Homem, do Bozo e do Fantasma Voador. Eu diria que as histórias em quadrinhos causaram um deslumbramento só comparável ao surgimento do rádio.[...] Mas o rádio era puro entretenimento auditivo. Romantizava o cotidiano banal das pessoas. Já não foi assim com o *Gibi Mensal* que bulia com a cuca da garotada, esticava ao máximo a sua capacidade de leitura. E aprender a ler passou a ser a maior ambição dos garotos do fim da década de 30. O *Gibi Mensal* entrou na educação e passou a competir com a escola. Venceu a própria escola e foi um fenômeno do qual os educadores não se deram conta. Os educadores da época desprezavam o *Gibi*. O *Gibi* era inimigo em casa e na escola. (MARQUES, 2000, p.31).

Para nosso autor, a educação é opressora desde a Idade Média e continuou pelo Renascimento afora, sendo minada, pela primeira vez, através da presença do *Gibi*.

O Renascimento, que deu ao mundo uma visão nova de encarar a vida através da arte, pouco mudou a educação, a sala de aula e o professor.

Até os anos 30, as escolas santistas e brasileiras muito pouco se diferenciaram: palmatória; a memorização em voz alta da tabuada; os castigos para quem errasse (muitas cópias do que errou; ajoelhar em grãos de milho). A

figura do professor inspirava pavor. “Foi nessa atmosfera de espessas trevas que caiu o Gibi Mensal.” (MARQUES, 2000, p.32).

Os pais se inquietaram a princípio com esse novo fato, como recorda Salasar, porque não viam com bons olhos aquela leitura estranha que absorvia os filhos, então, muitas crianças passaram a lê-los às escondidas.

Mas, no início da década de 40, já muitos pais haviam se rendido ao fascínio da leitura das revistas em quadrinhos.

A princípio, o *Gibi Mensal* esbarrou em um obstáculo: o fato de a maioria dos garotos não saber ler. Esses saíam atrás dos garotos alfabetizados que se punham a ler o gibi em voz alta e, por isso, tinham a admiração dos demais garotos.

Essa carência de garotos alfabetizados tinha a sua explicação: as escolas públicas primárias eram raras em Santos até o final da década de 30. Havia os Grupos Cesário Bastos, o Lourdes Ortiz e o Barnabé.

O *Gibi* complementava os textos escolares em posição de vantagem, porque estes eram extremamente aborrecidos e vinham ancorados na filosofia do Estado Novo de Getúlio Vargas. Eram textos excessivamente retóricos e moralistas, dirigidos para modelar a cabeça do estudante, como recorda Salasar.

Nosso autor aprendeu a ler fluentemente em menos de um ano ao embalo das histórias em quadrinhos e faz, com essa lembrança, uma crítica aos alunos atuais:

Uma observação trágica, mas que se faz necessária. O tempo passaria e me levaria à cátedra de algumas faculdades onde iria encontrar alunos universitários que mal sabiam reproduzir ou mesmo ler um texto de revista. Liam gaguejando. Meu Deus. Quinze anos estudando ou fingindo que estudavam e aquela incapacidade atávica de se desembaraçarem de um simples texto da revista *Veja*. (MARQUES, 2000, p. 38).

Lembra Salasar que a educação das décadas de 1930 e 40 era espartana, rígida e criava instintivamente uma alta hierarquia a que criança obedecia.

No universo da família, a figura do pai era soberana, imponente, majestosa. As grandes decisões centralizavam-se nele e antes de sua chegada à casa pouco ou nada era resolvido, e, este por não estar preparado para tanto peso, instintivamente procurava cobrir as suas deficiências, assumindo aquela postura ditatorial que não permitia discordâncias. Todo aquele porte senhorial, decisões arbitrárias irrecorríveis, encobriam uma fragilidade imensa.

O Macuco enfraqueceu um pouco tudo isso, porque o apelo das ruas e dos campos abertos passou a competir com a educação dos pais. A rua entrou em casa e iria alterar esse longo tecido educacional penosamente elaborado por pai, mãe e religião.

Depois da rua veio o gibi e só mais adiante vinha a escola. A rua, o Gibi Mensal e a escola, este foi o tripé que entrou em casa para concorrer com a educação portuguesa da época. Era um tripé poderosíssimo que fez pai e mãe cambalearem.

Em 1939 e 40, a Companhia Docas de Santos cedeu à Prefeitura o prédio para o Grupo Escolar Cidade de Santos e, segundo as memórias de Salasar, este acontecimento mudou bastante o Macuco: civilizou-o. Diz isso, pois, até então, a única grande escola do bairro eram as ruas. O Grupo Escolar Cidade de Santos disciplinou a molecada, levou-a para os livros, para as leituras de Viriato Correia e Monteiro Lobato.

Construído e entregue pela Companhia Docas de Santos durante a gestão do Dr. Ismael de Souza por volta de 1940, resgatou o bairro do Macuco à civilização, segundo Salasar.

Lembra que esta escola era de um requinte e luxo excepcionais para a época e aluno que saía dali fazia boa figura no Ginásio Santista com as suas fardas brancas de gala, no Colégio Canadá e no colégio dos padres carmelitas.

A garotada que outrora caçava peixinhos nas valas infectas do Macuco começava a desfilar pelas ruas da cidade em suas belas fardas cobertas de medalhas lustrosas – quem se salientava nos estudos ganhava uma bela medalha, algumas delas até banhadas em ouro. Em sua perspectiva, pareciam generais de batalhas, iguais a esses dessas repúblicas sul-americanas.

Nesta época, recorda Salasar, Getúlio Vargas esteve em Santos, mas, para nosso autor, foi na escola que ele sentiu realmente a força desse homem através do Estado Novo em ação nas escolas brasileiras, e, evidentemente, as escolas de Santos não escaparam a esse processo modelador de consciências, “uma espécie de lavagem cerebral cabocla.” (MARQUES, 1995, p.48)



17: Grupo Escolar Cidade de Santos (2008)

Na escola era tudo natural, mas com o passar do tempo, analisando à distância, Salasar avalia a força avassaladora daquele mecanismo em ação.

No Grupo Escolar Cidade de Santos, como diz nosso autor, em 1940 e 41, os alunos chegavam às sete horas da manhã, vergados com o peso das malas enormes e iam para o pátio. Não havia correrias nem gritos. Tocava uma sirene e a garotada entrava em fila; eram filas sinalizadas de acordo com os frisos no chão. Alguém batia os dedos em tábua contra a palma da outra mão e todos se abaixavam rente ao solo para depositar as malas. Ficavam nessa posição por um longo tempo, olhos grudados no cimento avermelhado do piso, esperando pelo sinal de levantar. Então, com as mãos livres, entoavam hinos patrióticos com grande ardor. Depois, outro estalar de mãos e a garotada se abaixava prontamente, segurando a alça de couro da mala e esperava pelo sinal de reerguer. O sinal vinha e todos se arrumavam, corpos eretos, vontades disciplinadas. Cada fila das extremidades punha-se em movimento, em passo cadenciado, um passo militar e entrava pela porta de sua ala.

A entrada para as aulas do Cidade de Santos, para Salasar, nesta época, se assemelhava a um movimento militar de tropas-mirins. A saída tinha um ritual mais ameno, mas o passo militar cadenciado era o mesmo até os alunos alcançarem as saídas das ruas Torres Homem e Nabuco de Araújo.

Na sala de aula, a todo o momento, referências aos esforços do Estado Novo, e tudo era pretexto para a professora exaltar a nova ordem do país. O próprio material didático, lembra Salasar, parecia elaborado em função da exaltação do Estado Novo.

Pelos corredores do Cidade de Santos era normal ver aluno chorando de dor por castigos recebidos. Reclamação: nenhuma. Pai de aluno tinha medo de

transpor os umbrais daquela escola, respeitava e concordava com todas as decisões tomadas por ela.

Por fins de 1941, segundo o ponto de vista de Salasar, quase todo o Brasil era nazista e a favor de Hitler. Getúlio nunca escondeu a sua simpatia pela causa dos alemães. Mas a partir de 1942 e 43, com o enfraquecimento do ímpeto alemão e a adesão do Brasil à causa dos Aliados, o Estado Novo arrefeceu e a sua influência nas escolas praticamente desapareceu.

Lembra nosso autor que foi o Grupo Escolar Cidade de Santos, localizado na Avenida Senador Dantas, que em 1940 conseguiu trazer ao convívio social todas as crianças japonesas, pois essas, até então, não circulavam pela cidade, ficavam entocados nas chácaras imensas, que eram o seu mundo. No começo, eram garotos arredios e desconfiados, difíceis de fazer amizade, depois se tornaram amigos dos brasileiros faladores.

O Grupo Escolar Cidade de Santos foi a primeira escola de nosso autor, ali foi introduzido no mundo mágico das palavras e na leitura do “Eu sei ler”, seu primeiro livro de textos avançados, em que Casimiro de Abreu veio ao seu encontro.

Como colaborador do Jornal A Tribuna, em 13 de fevereiro de 1992, refletiu sobre o lamentável fato de que pouco se escreveu ou se falou sobre esta importante escola, que foi o grande marco da educação santista em termos de modernidade.

Esta escola, com suas muralhas em ascensão, colocou fim às brincadeiras de rua dos moleques. Lembra Salasar que este era um edifício majestoso e deu um novo *status* ao Macuco.

O prédio tinha um revestimento original que deslumbrava a todos. Era uma argamassa meio granulada pontilhada de grãos de um calcário polido e aquilo brilhava ao ser banhado por qualquer tipo de luminosidade. Na impressão deste homem, isto dava ao edifício um aspecto de coisa viva.

O Grupo Escolar Cidade de Santos era uma espécie de templo do requinte e do bom gosto, um palácio com escadarias e pisos de mármore e pelos corredores, bebedouros automáticos que esguichavam água tão logo houvesse leve pressão em alguma parte sensível. O *hall* de entrada era imponente e encerado todos os dias.

Salasar reflete sobre o impacto que aquele mundo requintado deveria ter causado naquela garotada pobre, filhos de pais pobres, habitantes de chalés de madeira plantados em projetos de ruas de areia e todas elas franjadas por valas que levavam o esgoto a céu aberto.

Esta escola também revolucionou o conceito de ensinar em Santos e logo assumiu a vanguarda no campo experimental do ensino. Era um palácio de pisos de mármore em que a arte estava presente em todos os detalhes. As classes eram amplas, os corredores imensos, com árvores, gramados verdes e *playgroun*". A educação associada à distração e ao contato com a natureza.

O Cidade de Santos trouxe para a cidade uma concepção global de aprendizagem: esporte, entretenimento, alimentação e desenvolvimento intelectual. Aquilo, para Salasar, parecia um "campus" universitário com os seus gramados e jardins. Oradores e poetas visitavam a escola, entravam nas classes e paravam as aulas para declamarem poemas e fazerem conferências. Falavam sobre tudo.

O Rotary Clube, com Alceu Martins¹⁰, estendeu as suas asas protetoras sobre aquela escola e, tomando-a como modelo para a cidade, fazia ali promoções notáveis, incluindo concursos literários sobre Martins Fontes.

Era uma honra danada ser aluno do Cidade de Santos e sair pelas ruas com o distintivo da escola. Os dias de prova mensal eram, para nosso autor, dias de glória, porque aluno que acabasse a prova mais cedo podia ir embora e sair pela porta da frente, pela imponente porta da frente, uma porta de ferro trabalhada semelhante a porta de um palácio. Ele se postava no alto da escada de pedra, igual a uma estátua grega, e se deixava ser visto por algum tempo pelos passageiros do bonde 19. Sentia-se admirado por estar ali no alto das escadas, usando aquele uniforme e suas medalhas.

Naquela época a co-educação, meninos e meninas estudando juntos, ainda era tabu. Menino ficava de um lado, menina de outro. Juntos na mesma sala, nunca. De manhã as classes eram de meninos e à tarde de meninas. Mas era possível ver-se no período da tarde algumas classes em que o sistema de co-educação começava a ser tentado. Isto revolucionou o padrão educacional da época. Meninos e meninas sentados lado a lado, jogados assim sem preparo prévio algum. Havia certo constrangimento, certo embaraço.

Para Salasar, esta escola transformou-se em um vasto campo experimental da educação santista, ali se formou a elite pensante do Macuco, homens que se distinguiram e se destacaram na vida da cidade.

Muitos daqueles adolescentes egressos da escola primária sabiam mais do que alguns estudantes universitários de hoje, compara ele.

¹⁰ Alceu Martins Parreira também foi um dos sócios fundadores do primeiro curso jurídico em Santos: a Faculdade de Direito da Sociedade Visconde de São Leopoldo, ideal de Dom Idílio José Soares para proporcionar um novo enriquecimento cultural à região.

Era uma escola disciplinada; depredação não havia, papel no chão, nem pensar.

É triste vermos hoje a que ponto chegou a escola brasileira, principalmente a escola pública paulista, onde educadores sem vivência alguma da Educação, educadores de gabinete, homens da USP e Unicamp, doutores em teorias, introduziram nas escolas a permissividade com um símbolo de modernidade. Há muita gente que pensa que liberdade é bagunça e democracia é permissividade. Oh, será que essas criaturas não percebem que o Universo é regido por leis inflexíveis, imutáveis, e que, qualquer desvio da complexa engenharia celular cria monstros? Que diabólica concepção das coisas que vê no caos uma ordem superior. Que doentia persistência pode apoiar o que hoje está aí em matéria de educação pública? Entrar hoje numa escola pública é o mesmo que entrar num mercado persa: alunos de short e bermuda, pés sujos à mostra, sovaco fedendo, camisetas cavadas ou sem camiseta nenhuma, depredando, enchendo as salas de aula com símbolos pornográficos, usando palavras de baixo calão, ofendendo professores grosseiramente, certos da impunidade completa, certos de que passarão de ano sem estudar. E tudo isso sob os olhares complacentes dos diretores de escola, pelo menos da maioria deles. (MARQUES, O Grupo Cidade de Santos, *Jornal A Tribuna*, 13/02/1992).

Quando, na década de 50, a televisão surgiu, para Salasar, desintegrou em alguns anos todo um sistema ético-moral consolidado ao longo dos séculos. E nessa esteira de ebulição e reavaliação de valores cristalizados, surge a Faculdade de Filosofia, da atual UniSantos, com os seus cursos superiores que deram a Santos uma nova dimensão no campo da cultura.

Lembra Salasar que até esta década, os professores tinham outra linhagem. Eles se vestiam impecavelmente, e alguns usavam gravata borboleta. As faculdades de Letras ainda não existiam, pelo menos aqui em Santos, de modo que eles ainda preservavam um alto grau de originalidade. Não haviam sido entupidos de fórmulas inúteis e esterilizadoras e ensinar era processo totalizante. Podiam se espriar sobre assuntos variados, porque tinham boa

cultura. Não essa cultura tipo receita de bolo que hoje a maioria dos professores enfia goela abaixo do pobre aluno, abordavam escritores e filósofos antes de sua aula, falavam de Marx Nordau, de José Ingenieros, de Blasco Ibañez. Faziam-se alusões a Nietzsche. Filmes eram analisados através de sua ótica irreverente e isso nos levava ao cinema para vê-los. Dava gosto ir às aulas e as classes estavam geralmente repletas de alunos.

Nada mais gratificante para um professor do que se postar vis a vis a um auditório receptivo e interessado em suas palavras. Isto acende no professor todas aquelas potencialidades adormecidas e o desperta para o domínio de uma expressão oral mais aguçada. É nesse momento que o professor se transforma no grande ator, porque ele vai liberando inconscientemente para o aluno parte do seu “eu” recôndito até ali cuidadosamente oculto. E este exercício lúdico que faz do desempenho da profissão do magistério uma obra de arte. Ser professor é coisa de Deus. (MARQUES, 1995, p.100).

A boçalidade, a vulgaridade e a baixaria ainda não haviam deixado raízes naquele mundo educacional.

Mais tarde, Salasar foi levado para o ensino universitário e se viu muitas vezes diante de aluno que mal sabia ler uma revista ou desenvolver tema qualquer que fosse.

Nestes últimos quinze anos, dei aula em três faculdades diferentes. Durante as aulas analisava os alunos. Eram, em grande número, universitários desprovidos daqueles requisitos mínimos para que alguém se engajasse em qualquer atividade. Não sabiam falar, não sabiam escrever. Nenhum entusiasmo sério pelo debate ou pelo estudo; encontro hoje acadêmico para quem a simples leitura da Revista Veja já é façanha intelectual de grande envergadura, como era para nós ler Sartre, Merleau Ponty, Maritain, e o chefe da escola positivista Augusto Comte. (MARQUES, 1995, p.96).

A Faculdade de Direito da atual UniSantos e o Centro de Estudantes de Santos, para nosso autor, foram casas que deram a Santos a efervescência no

campo das idéias e debates, na década de 1960. Era comum, por essa época, passarem pelo auditório da Faculdade de Direito as grandes figuras do país, membros da Academia Brasileira de Letras; homens da escola monetarista; economistas do Iseb¹¹.

Naquela época, era comum um estudante de Direito conhecer filosofia, saber falar de Descartes, de Bergson e Karl Marx. Muitos liam Fustel de Coulanges, Montesquieu, Thomas Mann e Joyce.

O Direito Romano imperava e As Leis das Doze Tábuas no original francês de Foignet era muito apreciado. Depois das aulas iam para o Bar Coimbra, ao lado da faculdade, muitos professores acompanhavam e muitas aulas continuavam naquelas mesinhas regadas por um chope. Estudante de Direito tinha cultura, conversar ainda era um prazer e debater era uma necessidade premente.



18: A Casa Amarela da Faculdade Católica de Direito

¹¹ ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Criado em 1955. Foi a continuidade do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política, entidade civil que congregava intelectuais e técnicos governamentais. Desde sua fundação esteve subordinado ao Ministério da Educação e Cultura, funcionando sempre com doações orçamentárias bastante incertas e limitadas. Passado 50 anos, o ISEB – apesar de seus equívocos teóricos, políticos e ideológicos – deve ser lembrado como uma instituição cujos intelectuais se comprometeram com a defesa de causas reformistas e caráter democrático.

A Faculdade de Direito de Santos, conhecida como A Casa Amarela, ficava num sobradão imponente na Avenida Conselheiro Nébias e à entrada se via uma série de colunas amarelas de forma arredondada que lhe dava um aspecto de arcada. Um corredor levava a uma enorme sala de onde se esticava de ponta a ponta uma enorme mesa. Uma escadinha interna de madeira trabalhada levava ao auditório. Salasar foi ali muitas noites subsequentes, toda vez que um evento era anunciado.

Por ali passaram, na década de 50 e meados de 60, as grandes figuras do pensamento brasileiro: juristas, filósofos, escritores e políticos de nível intelectual elevadíssimo. Havia discussões homéricas que se esticavam interminavelmente ao redor daquela mesa de caviúna maciça. Muitas vezes, a não conformidade das idéias trazia ressentimentos profundos, lembra Salasar, muitas inimizades foram forjadas ao embate daquelas discussões.

Àquele tempo ela já tinha renome nacional e estudar na Faculdade Católica de Direito de Santos era sonho de muita gente espalhada pelo Brasil. O grande sonho era o Largo São Francisco, mas, se não fosse, tinha de ser a Faculdade de Direito de Santos. “[...] ali naquela Casa Amarela ficou um pedaço de cada um daquela geração brilhante e contestadora. Por onde andarão?” (MARQUES, 1995, p. 96).

Conta nosso autor que passaram pelo auditório da Faculdade de Direito as maiores figuras do país, membros da academia Brasileira de Letras, como Pedro Calmon, Peregrino Júnior, Agripino; em Economia, homens da escola monetarista como Aliomar Baleeiro, Alberto Deodato, Eugênio Gudín e outros.

Havia naquela época um hábito saudável que consistia em assistir aulas de outros professores e de outras séries. Explico melhor: um primeiroanista ia assistir às aulas em classes do 3º ou 4º anos quando estava em disponibilidade. Simplesmente entrávamos na sala com a leva de alunos. Fiz isso algumas vezes com o professor Aloysio Álvares da Cruz em suas aulas de Direito Comercial. Ele era uma figura esguia, de grande mobilidade e a sua expressão oral era vulcânica. Não se sentava um só minuto e esquadrihava a sala com seus passos nervosos e rápidos. Eu estava mais interessado em sua forma de se expressar, de manusear o Código Comercial. Naquele tempo, para nós, acadêmicos de Direito, a palavra oral tinha mais força e apelo do que a palavra escrita. (MARQUES, 1995, p.99).

No Centro dos Estudantes, na Avenida Ana Costa, as discussões eram muito mais profundas do que as da Faculdade, porque elas tinham linhas direcionadas, conteúdo filosófico mais denso. Tinha fama, segundo Salasar, de ser um núcleo de perigosos comunistas, mas era uma casa de debates de teorias econômicas, políticas e filosóficas.

Lá, encontravam-se católicos, ateus, humanistas, socialistas e comunistas. Os comunistas, para ele, eram os mais brilhantes, distinguam-se, porque estudavam mais e eram mais sérios.

O Centro dos Estudantes foi o grande fórum de debates daquela geração rebelde que desejava reformar o mundo.

Em 1964, com a Revolução, os anos frenéticos chegaram ao fim.

Quando lembra da dedicação dos estudantes de sua época, Salasar reflete sobre a atualidade, não sem colocar uma ponta de ironia:

A dedicação espartana à tarefa empreendida me vem à mente todas as vezes que por acaso passo diante de nossas faculdades e vejo futuros médicos, advogados e engenheiros tocando pandeiro, batendo bumbo, bebendo chope ou se lambadeando em pleno período de aulas, enquanto lá dentro, a pouca distância dali, estas mesmas aulas correm soltas. Isso será certamente o final dos tempos. Mas isso pode revelar também que os universitários de hoje sejam mais brilhantes do que os de outrora e que já não precisam nem ler mais livros para se assenhorearem da ciência dos novos tempos. (MARQUES, 1995, p. 84).

Para Salasar, o que era notável naquela época era a presença de um vasto grupo de alunos de espírito indagador e de cultura avantajada. Rapazes e moças que podiam discutir as teorias antimecanicistas de um Teillard de Chardin ou fazer a apologia de um Jacques Maritain.

Atribui todo aquela base aos cursos clássicos de humanidades do Colégio Canadá em sua fase áurea.

Era uma geração de estudantes de Direito modelada no cultivo da palavra e das leituras. “Uma geração que desapareceu de nossas faculdades da mesma forma que os dinossauros pré-históricos desapareceram da face da terra.” (MARQUES, 1995, p. 100)

Para Salasar, a modernidade não significa necessariamente o melhor, porque a todo o avanço corresponde uma perda. Se num mesmo espaço alguma coisa entra, outra tem que sair, e às vezes a coisa que sai é melhor que a coisa que entra. Aí então houve uma perda.

Modernidade implica em movimento para frente, busca de algo novo, mudanças. Mas a modernidade, perigosamente a cavalo da alta tecnologia, apresenta riscos imensos porque ela atrai, com o seu canto melodioso, gigantescos aglomerados humanos que a acompanham e lhe batem palmas para depois serem abandonados cruelmente.

Num mundo racionalmente estruturado em bilhões e bilhões de anos, todo o avanço irracional e apressado desestrutura aquisições conseguidas ao longo dos séculos e apenas vai jogar para o futuro, com força redobrada, os problemas que aparentemente foram ficando para trás.

Salasar reflete sobre uma parábola que trata dos problemas da modernidade com relação à educação de nossos dias, o capítulo final do livro *A Besta Humana*, de Emile Zola. É uma passagem admirável que deixa antever o que nos espera.

Dentro da noite um trem de luxo corre a grande velocidade. E dentro dele as pessoas bebem, cantam e dançam. Há música, alegria e champanha. Mas essas pessoas ignoram um fato: o maquinista está morto e o trem está desgovernado. A velocidade vai aumentando cada vez mais e o trem mergulha rumo ao desconhecido. Adiante haverá sempre pontes estreitas por sobre abismos profundos. Mas os passageiros continuam bebendo champanha e cantando e só o desconhecimento do que lhes vai acontecer é que mantém em seus rostos aquela alegria selvagem. (MARQUES, 2001, p. 106).

Lecionar, para Salasar, apesar de todos os problemas, não foi uma opção, foi natural. Foi como um rio que flui naturalmente, sem poder mudar o sentido da correnteza.

O que o envaidecia era ver a projeção de ex-alunos como Rubens Ewald Filho, Carmelinda Guimarães, Erom Blum e muitos outros.

No volume IV de *Imagens de Um Mundo Submerso*, Salasar faz um desabafo sobre a educação atual: diz que é triste ver a que ponto chegou a escola brasileira, principalmente a escola pública paulista onde educadores sem vivência alguma no campo da educação, educadores de gabinete, homens da USP, da UNICAMP, doutores que enfiam goela abaixo as teorias de Comenius, Bruner, Ausubel, Gagné, Skinner, e de muitos outros saxônicos, escandinavos e franceses de olhos azuis e cabelos loiros, homens que através de suas teorias impraticáveis e estrutura curricular inadequadas aplicadas em nossas escolas, criaram uma escola

aborrecida e estéril, condizente à falta de motivação e daí para a escola baderneira foi um passo.

Muitas das características da Pedagogia Tradicional censuradas pela Escola Nova são desvirtuadas, como a questão do autoritarismo, que pode descambar pela ausência total de limites e pela indisciplina; o receio do professor em ser coercivo, passando assim a ter seu papel minimizado; e o desprezo pelo conhecimento e pelos conteúdos, o que é um grande equívoco, uma vez que a experiência por si só pode ser superficial quando desconsidera o já conhecido. (GONÇALVES, 2005, p. 83).

O que funcionava lá naqueles países gelados, nunca funcionou aqui e o estrago que tais concepções deslocadas no tempo e no espaço ocasionaram foi devastador, reflete Salazar, mas embriagava as cabeças vazias daqueles educadores intoxicados pela conceituação pomposa cheia de teorias. Incapazes de proceder uma análise crítica do meio em que vivem, de mergulhar na raiz dos problemas, desvestidos daquele mínimo espírito nacionalista que deve funcionar de bússola à procura das soluções adequadas a essa realidade, partem então para as leituras pomposas em busca de fórmulas e com elas enchem livros e mais livros de asneiras, desabafa nosso autor.

Essa, para Salazar, tem sido a tragédia brasileira, tragédia cujos contornos já foram bem delineados por Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”, e por Gilberto Amado em “Grão de Areia”: a incapacidade de procurar, de encontrar e de se fixar em soluções brasileiras para problemas brasileiros. “Ainda há muita gente que pensa que liberdade é bagunça e democracia é permissividade.” (MARQUES, 2006, p.59).

Sobre as autoridades, Salazar também é bastante crítico. Essas autoridades não dão importância para notas, avaliações, testes, arguições, leituras.

A moderna didática prova que o ideal é soltar o aluno e deixá-lo fazer o que bem quiser. Se não sentir vontade de estudar, não tem importância. Fazem um pequeno piquenique pedagógico no final do ano, engolindo a matéria não aprendida e depois passam. Assim todos passam de ano, não há repetência. Com tais teorias, esses falsos educadores jogam no chão a Escola Pública de bom nível que já existiu.

O único instrumento que permitia ao aluno pobre galgar uma faculdade pública de boa qualidade.

Todas essas teorias cuidadosamente escudadas pelas autoridades de ensino que garantem que boas notas e provas são desnecessárias e que o importante para o aluno é apenas estar ali. “Teoria criminosa essa que fecha as portas do ensino superior de alto nível a alunos pobres e sem recurso.” (MARQUES, 2006, p.60).

Em seu desabafo, Salazar diz que essa falta de humanidade é por um único motivo: economizar dinheiro para gastá-lo em outras prioridades. Gastá-lo com o mundo político e suas mordomias e centenas de assessores pagos a preço de ouro, com obras vistosas feitas pelas grandes empreiteiras, que certamente lhes encherão os bolsos.

Dinheiro que será levado para paraísos fiscais, certos da impunidade total.

Para nosso autor, a repetência elimina-se através de escola motivadora, de currículos flexíveis, o aluno estudando matérias pelas quais sinta entusiasmo. Eliminar a figura do aluno acorrentado a uma cadeira durante quatro, cinco horas por dia, tendo a sua frente um professor falador, tagarela, cansativo e cansado, com um pedaço de giz na mão, um professor que faz as perguntas e ele mesmo as responde. Professor que sabe que tudo aquilo é, na verdade, perda de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir este trabalho foi para mim muito prazeroso. Primeiramente pelo fato de conhecer melhor a vida deste professor e importante escritor santista, que, a meu ver, deve ser considerado como tal perante a sua cidade, principalmente por suas inúmeras obras, que, inclusive, algumas delas, já foram premiadas pela elite cultural, contudo, infelizmente, não são conhecidas pelo povo de sua cidade. Também deve ser reconhecido pelo educador que foi, preocupado com a evolução cultural da sociedade, com o aprendizado escolar e engajado na luta para a melhoria educacional e, sobretudo, para criação de verdadeiros cidadãos.

Sabe-se, porém, que o seu não reconhecimento pelo povo acontece não pela qualidade das obras, que inegavelmente são obras-primas, escritas num estilo próprio e atraente para qualquer leitor, mas pelo fato de o Brasil não ser um país de leitores, o que é uma pena, pois se perde muito com isso.

O segundo motivo pelo qual este trabalho me encantou foi o fato de ter-me feito pesquisar a história de minha cidade.

No cotidiano escolar, a história da cidade é pouco estudada e um dos meus objetivos propostos é desenvolver este estudo entre os alunos do Ensino Fundamental e até mesmo entre os alunos do ensino Médio através de minha pesquisa. O olhar poético de Nelson Salazar Marques traz à tona um estudo histórico prazeroso, que será levado para as salas das escolas públicas e privadas em que leciono e os alunos ouvintes dessa história farão o trabalho de multiplicadores da mesma.

Nós santistas, e mesmo eu sendo professora, pouco conhecemos sobre a história de nossa cidade, sobre a sua importância para o Estado e para o país, sobre as pessoas que deram nomes às ruas e muito mais.

Outro objetivo colocado foi estudar a questão educacional da cidade, sob o olhar de Nelson Salasar Marques, que como professor, tinha uma visão crítica sobre os problemas educacionais. Muitos de seus pensamentos vão de encontro aos meus, como por exemplo, quando ele fala dos modelos educacionais europeus cultivados em nosso país, sem que se pense se isso servirá para a nossa realidade.

As questões colocadas por Salasar sobre a educação brasileira são de grande interesse, pois levam ao questionamento e à busca por mudanças necessárias.

Nosso autor apóia-se na estrutura da Escola Nova e coloca que profissionais de várias áreas deveriam ser levados para dentro da escola, a fim de integrar o aluno numa sociedade dinâmica em situações de debate e dúvida, mas não coloca que há obstáculos para isso, pois a escola deve ter um contato com empresas, ou mesmo com segmentos profissionais para esse projeto. As escolas privadas, por poderem remunerar esses profissionais para tais encontros, isso seria possível, porém, em escolas públicas, onde os recursos básicos chegam em pequena escala e, mesmo os profissionais da área são mal remunerados, isso seria difícil.

Ele também lembra que o professor, na década de 1960, exercia sobre o aluno e a população admiração e respeito, mas, infelizmente, em suas reflexões, não diz que esse sentimento acabou, sobretudo devido aos baixos salários, pois este profissional, que forma outros profissionais, tem uma vida cada vez mais

limitada economicamente, não tendo condições de ter uma vida digna e, muito menos, de fazer cursos de aperfeiçoamento.

Apesar de tudo, Salasar coloca a educação como mola propulsora para a mudança de vida, pois isso aconteceu com ele próprio. Seu exemplo de vida pode ser mostrado através deste estudo, que também tem esse objetivo: salientar a importância da Educação e voltar a valorizar o professor.

Salasar faz outra colocação que causa discussão: diz que os currículos deveriam ser flexíveis, onde o aluno pudesse escolher as matérias que quisesse estudar. Essa questão é discutível, pois o aluno tem que ter uma visão ampla, conhecer de tudo um pouco para poder escolher que campo seguir profissionalmente. Uma criança ou adolescente não tem maturidade suficiente para saber qual a disciplina é importante para si.

Se assim fosse, certas disciplinas ficariam esvaziadas, sem alunos, por sua dificuldade.

Podem-se discutir algumas de suas colocações, como vimos, mas, seguramente, não o valor e a importância que ele dá à educação e a sua dedicação à causa escolar.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1 – Fontes:

MARQUES, Nelson Salasar. *Imagens de Um Mundo Submerso: as minhas memórias da cidade de Santos*. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 1995. v.I.

_____. *Imagens de Um Mundo Submerso: minhas memórias da cidade de Santos*. São Paulo: Editora do Escritor Luz e Silva Editor, 2000. v. II.

_____. *Imagens de Um Mundo Submerso: minhas memórias da cidade de Santos*. São Paulo: Editora do Escritor Luz e Silva Editor, 2001. v. III.

_____. *Imagens de Um Mundo Submerso: minhas memórias da cidade de Santos*. São Paulo: Editora do Escritor Luz e Silva Editor, 2006. v. IV.

_____. Novos Rumos da Educação Brasileira. *Leopoldianum – Revista de Estudos e Comunicações*. Santos, v. XIV, n° 41, p. 67-75, dez. 1987.

_____. O Grupo Cidade de Santos e o seo Arthur. *A Tribuna*, Santos, 13 fev. 1992.

2 - Referências bibliográficas:

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes. *O Discurso do Progresso: A Evolução Urbana de Santos (1870 – 1930)*. 1989 Tese de Doutorado à Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

ARANHA, Maria L.A. *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. *História da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARISTÓTELES. *Sobre a memória e a reminiscência*. Tradução por René Magnier. Paris: Belles Lettres, 1965.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *As Faces da Memória*. Centro de Memória-UNICAMP. Coleção Seminários 2.

BRASIL, Márcio. *O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e a escolarização de Vila Macuco durante a Primeira República*. Dissertação de Mestrado à Universidade Católica de Santos. São Paulo, 2008.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*, Paris, 1980; E. Goffman, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Nova York, 1959.

_____. *L'opération historique*, in J. Lê Goff e P. Nora (orgs.), *Faire de l'histoire*, Paris: Gallimard, 1974 (trad. Port. Amadora: Bertrand, 1977, p. 17-58)

CRUZ, Maria Zilda da. Nelson Salazar. *Revista da Academia Santista de Letras*. Santos, ano IV, nº 4, p.253 – 254, dez. 2005.

CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves , 1977.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *A Emigração Portuguesa e sua Influência no Brasil: O caso de Santos – 1850 a 1950*. 1989 Dissertação de Mestrado à Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

GADOTTI, Moacir. *Histórias das idéias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GONÇALVES, Alcindo. *Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945 – 1962)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Santos, SP: Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. *Educação: as falas dos sujeitos sociais*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Fundamentos Filosóficos da Educação Brasileira*. Curitiba: Ibpx, 2005.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma Cidade na Transição: Santos 1870 – 1913*. São Paulo: Hucitec – Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, David. Trabalho da Memória – *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História, PUC São Paulo, v.17, nov. , 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. *Memória e Identidade: Travessias de velhos professores*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1998.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos nos caminhos da educação popular (1870-1920)*. São Paulo: Loyola, 1996.

PESTANA, Sônia Maria Ramos. *Santos na obra “Navios Iluminados” de Ranulfo Prata*. Monografia de Pós-Graduação lato-sensu. Departamento de História da Faculdade de filosofia, Ciências e Letras da Unisantos.Santos, 1990.

PETEN, Jean-Nöel: Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral, v. 22 *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História. PUC. São Paulo, jun., 2001.

PINTO, Amílcar Ferrão. Homenagem póstuma e lançamento. *O Farol – Jornal da Academia Santista de Letras*. “Casa Martins Fontes”. Ano 1, n° 2, p.5-7, maio, 2006.

SANTOS, Ricardo Evaristo e MATOS, Paulo. *Transporte Coletivo em Santos: História e Regeneração*. Santos: CSTC, 1987.

SAVIANI, Dermeval. *Educação e Questões da Atualidade*. São Paulo. Cortez, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Fernando Teixeira da. *A Carga e a Culpa. Os operários das Docas de Santos: Direitos e Cultura de Solidariedade 1937 – 1968*. São Paulo: Hucitec – Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

TOLEDO, Caio Navarro de. 50 anos da Fundação do ISEB. *Jornal da UNICAMP*, 8 a 14 ago. 1977.

3 - Meio eletrônico:

- www.blindagemfiscal.com.br: acessado em 23/01/2008.
- www.geocities.com : acessado em 24/01/2008.
- www.luiz.delucca.com.br: acessado em 24/01/2008.
- www.novomilênio.inf.br/santos : acessado em 18/01/2008.
- www.portogente.com.br/arquivos: acessado em 25/01/2008.
- www.santos.sp.gov.br : acessado em 03/02/2008.
- www.unisantos.br/iconografia : acessado em 23/01/2008.

4 - Entrevistas:

- Oscar Salazar MARQUES, entrevista concedida em Santos, em 11 de junho de 2007.
- Solange Alckmin MARQUES, entrevista concedida em Santos, em 07 de agosto de 2008.

5 - Crédito das fotos e figuras:

- Acervo da família: n° 2, 9.
- Acervo de José Carlos Silveiras: n° 13.
- Acervo de José Dias Herrera: n° 15.
- Acervo de Laire José Giraud: n° 12.
- Arquivo pessoal da autora: n° 3, 7, 17.
- Jornal A Tribuna: n° 1, 5.
- Revista da Semana do Jornal do Brasil: n° 14.
- www.geocities.com: n° 4, 6, 8, 9, 10, 11, 16.
- www.unisantos.br: n° 18.